



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA  
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



**EUGÊNIA LÚCIA PAIVA DE OLIVEIRA**

**HISTÓRIAS DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL: UMA  
COMPREENSÃO À LUZ DA FENOMENOLOGIA**

João Pessoa/PB  
2013

**EUGÊNIA LÚCIA PAIVA DE OLIVEIRA**

**HISTÓRIAS DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL: UMA  
COMPREENSÃO À LUZ DA FENOMENOLOGIA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Nunes da Fonsêca.

João Pessoa/PB  
2013

EUGÊNIA LÚCIA PAIVA DE OLIVEIRA

**HISTÓRIAS DE CRIANÇAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL: UMA  
COMPREENSÃO À LUZ DA FENOMENOLOGIA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Monografia apresentada em: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

BANCA EXAMINADORA

---

*Patrícia Nunes da Fonsêca (UFPB)*

**Orientadora**

---

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Geovani Soares de Assis (UFPB)*

---

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Viviany Silva Pessoa (UFPB)*

João Pessoa/PB  
2013

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a todas as meninas que foram vítimas de abuso sexual na infância, em especial as meninas da Comunidade Talita, a minha esperança é que um dia possam desfrutar de uma sociedade mais justa, onde os seus direitos sejam respeitados.*

## AGRADECIMENTOS

*Ao meu Grande Deus, pelo Dom da vida. Eu cantarei quão Grande é o meu Deus.*

*Aos meus pais pelo grande exemplo de vida, perseverança e luta. Em especial a minha mãe que sempre acreditou e lutou por mim.*

*Ao meu querido marido Aldemir Soares, meu lindo você é a melhor coisa que já me aconteceu. Agradeço a você meu amor pela paciência, dedicação, carinho e incentivo, você sempre esteve ao meu lado em todos os momentos me mostrando que eu conseguiria. Sem esquecer-me de cada atividade doméstica que você realizou sem reclamar (varreu, passou pano, lavou louça, fez café, almoço e também o jantar) rrsrsrs, não é todo homem que faria o que você fez. Por isso eu sei que Deus preparou o melhor pra mim, valeu a pena esperar por você meu lindo. Te amo.*

*Aos meus irmãos Felipe e Gabriel que estavam sempre ao meu lado me dando todo apoio, amo vocês maninhos.*

*A minha cunhada Dani que me ajudou no início da minha caminhada acadêmica, valeu cunhada Deus te recompense em dobro.*

*Ao casal Gilmar e Josa bem como a toda a sua família por terem me recebido e me tratado tão bem durante esses anos na casa de vocês. Vocês desempenharam um papel muito importante durante a minha caminhada. Jamais esquecerei o que fizeram por mim, serei grata a essa família abençoada para sempre.*

*Aos meus amados irmãos que estiveram me apoiando e orando por mim, durante as minhas idas e vindas de Guarabira/PB para João Pessoa/PB e de João Pessoa/PB para Guarabira/PB, em especial quero deixar meu agradecimento a minha Nega linda Geilza Melo você é uma benção na minha vida. E aos companheiros de todas as horas (Geilza e Edvaldo, Alessandra e Raoni, Milayne e Matheus e Aniele e Josival). Eu amo demais vocês são presentes de Deus na minha vida.*

*Ao Pastor Sandro e Irmã Aline pelas orações e por terem sido tão especiais para comigo durante essa minha caminhada á vocês o meu muito obrigada.*

*Também quero agradecer a Nati, Kamylla e Kallyne por tudo o que fizeram por mim durante essa trajetória, amo vocês gatas.*

*As professoras lindas (Patrícia, Andréia, Viviany, Geovaní, Célia, Carla e Adriana) amo vocês de montão. Obrigada pelas valiosas aulas, pelos momentos de diversão e por todo conhecimento que foi passado em sala de aula, vocês arrasam. Quando crescer, quero ser igual a vocês.*

*A professora Viviany e Geovani, que gentilmente aceitaram o convite para compor a minha banca.*

*Também o meu agradecimento vai em especial para a minha querida, amiga, companheira, professora e orientadora de todas as horas. Como admiro sua postura em sala de aula, a prof(a) Patrícia da um show de conhecimento, disso eu não tenho dúvida. Professora obrigada por te topado me orientar mesmo sabendo das minhas dificuldades a senhora acreditou em mim e me ajudou e muito. Sei o quanto suas contribuições foram importantes para o meu aprimoramento científico. Obrigada por tudo sua linda.*

*As minhas amigas de sala de aula (Psicointelectos) por cada momento que passamos juntas, amo cada uma de vocês (Thaisa, Sthefane, Mariangela, Thaisma, Eliane, Gabizinha e Cristiane) E acho que faltou alguém? Sim a minha companheira Bia, eita florzinha são tantas palavras para falar de você que se for escrever mesmo, essa monografia vai ser só você. Quero dizer que você amiga é uma benção que vem do coração de Deus pra gente cuidar, é assim que você é pra mim como uma perola que eu mergulhei pra encontrar. Obrigada Bibi por ser assim tão especial.*

*Quero agradecer também a Betânia, amiga que ganhei já no finalzinho do curso, você é um exemplo Bete. Obrigada por cada palavra de apoio e incentivo que você me deu durante as madrugadas. Valeu!*

*Ao NEDHES, pelo apoio, pela troca de conhecimentos e pela aprendizagem adquirida no decorrer da pesquisa. Á vocês, meu muito obrigada.*

*A Jaciara amiga exemplar, você é um poço de organização. Com você eu aprendi o valor de ser uma mãe exemplar. Usarei algumas de suas estratégias com os meus filhos.*

*A Patrícia Oliveira por toda ajuda durante a construção do meu TCC á você o meu muito obrigada.*

*Enfim, agradeço a todos aqueles que o nome aqui eu não mencionei, mas que de alguma forma contribuíram para a concretização desse sonho e para a realização de mais uma meta.*

*Um sorriso da boca retirado  
Um olhar puro, nas lágrimas, inconformado.  
Uma doce voz num grito desesperado  
Um pequeno rostinho humilhado  
Um direito não respeitado.  
Corpinho violado,  
Coração despedaçado.  
Braços que contra, eu não pude lutar.  
Uma violência que nunca podia imaginar  
Uma dor que tive de sufocar  
Um choro sentido sem parar  
Anos de abusos sem ninguém suspeitar,  
Carne inocente está a sangrar.  
Tristeza infinita na alma colocada  
Pequena menina e sua família desonrada.  
Uma pureza revogada  
Por um monstro inocência retirada.*

*Aline*

## RESUMO

O abuso sexual infanto-juvenil é um ato de violência que ocorre quando uma pessoa mais velha se utiliza de uma criança ou adolescente para obter gratificação sexual. É um problema mundial com índices de incidência crescente, especialmente, contra crianças entre zero a nove anos. Dessa forma, este estudo buscou através de uma visão fenomenológica compreender o fenômeno do abuso sexual em sua totalidade, ou seja, o significado que os indivíduos atribuem a sua experiência de vida, principalmente no que se refere ao abuso sexual. Isto posto, o presente estudo teve por objetivo compreender as narrativas dos infanto-juvenis vítimas de abuso sexual à luz da fenomenologia. Participaram do estudo três irmãs vítimas de abuso sexual, com idades de cinco, nove e quinze anos. As participantes residem em uma instituição de acolhimento que fica na cidade de Guarabira, PB. Para coleta de dados foi utilizado uma ficha de registro institucional, uma entrevista com roteiro semiestruturado e um questionário sociodemográfico. Realizou uma análise de conteúdo de Bardin. Os resultados dos registros institucionais mostraram que as participantes foram abusadas pelo padrasto, as meninas eram irmãs por parte de mãe, cada uma delas era filha de pai diferente. Os resultados das entrevistas revelaram que, com relação à família, as representações estão ancoradas nos maus-tratos, no sentimento de tristeza e nas lembranças de pessoas doentes. Quanto à instituição em que estão inseridas, as participantes representaram como um local onde se sentem bem e são felizes. Em relação à escola, as representações foram ancoradas em um tratamento satisfatório e um espaço que propicia mudanças em suas vidas. Com relação aos fatos da vida (presente, passado e futuro), as meninas demonstraram alegria com a nova vida, saudade da família e desejo de regresso ao antigo lar, e tristeza em virtude da violência que sofreram. Quanto ao segredo, as participantes ancoraram as representações no medo, na esperança e na mudança de vida. Conclui-se que o abuso sexual em crianças e adolescentes deixam marcas profundas na vida e que, para ajudá-las a superar essa violência, é fundamental desenvolver estudos com vistas a propor intervenções que ajudem as vítimas a reconstruírem suas memórias e trilharem uma nova história.

**Palavras-chave:** Abuso sexual. Infanto-juvenis. Fenômeno. Psicopedagogia.

## ABSTRACT

The sexual abuse of children is an act of violence that occurs when an older person uses a child for sexual gratification. Is a global problem with increasing incidence rates, especially against children between zero to nine years. Thus, this study sought through a phenomenological vision understand the phenomenon of sexual abuse in its entirety, i.e. the meaning that individuals attach to their experience of life, especially with regard to sexual abuse. That said, the present study aimed to understand the narratives of children victims of sexual abuse in light of Phenomenology. Participated in this study three sisters sexual abuse victims, aged five, nine and fifteen years. The participants reside in a host institution located in the city of Guarabira, PB. For data collection was used an institutional record sheet, an interview with semi-structured socio-demographic questionnaire and a roadmap. Conducted a Bardin's content analysis. The results of institutional records showed that the participants were physically abused by his stepfather, the girls were sisters on his mother's side, every one of them was the daughter of different parent. The results of the interviews revealed that, with respect to the family, the representations are anchored in ill-treatment, in the sense of sadness and memories of sick people. As the institution in which they are inserted, the participants represented as a place where they feel good and are happy. About school, representations were anchored in a satisfactory treatment and a space that promotes changes in their lives. With respect to the facts of life (present, past and future), the girls demonstrated joy with new life, Miss family and desire to return to their former home, and sadness because of the violence they suffered. As for the secret, the participants they anchored the representations in fear, hope and life-changing. It is concluded that sexual abuse in children and adolescents leave deep scars in life and that, to help them overcome this violence, it is essential to develop studies aimed at interventions that help the victims rebuild their memories and embarked on a new story.

**Keywords:** Sexual abuse. Children and juveniles. Phenomenon. Psicopedagogia.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	PARTE I – MARCO TEÓRICO	
2.1	Perspectiva Histórica do Abuso Sexual Infantil .....	13
2.2	Abuso Sexual Infantil: Definição .....	14
2.3	Características dos Protagonistas do Abuso Sexual Infantil.....	15
2.3.1	Características das Vítimas .....	16
2.3.2	Características dos Agressores.....	17
2.4	Consequências do Abuso Sexual no Processo de Desenvolvimento das crianças.....	19
2.5	Aspectos Jurídicos do Abuso Sexual Infantil .....	21
2.6	A fenomenologia.....	24
2.6.1	A fenomenologia e a Psicopedagogia.....	24
2.6.2	Compreendendo o fenômeno do Abuso Sexual a luz da Fenomenologia.....	28
	PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO	
3	MÉTODO.....	32
3.1	Delineamento.....	32
3.2	Participantes.....	32
3.3	Instrumentos.....	32
3.4	Procedimento.....	33
3.5	Análise dos Dados.....	33
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
6	REFERÊNCIAS.....	52
	ANEXOS	
	Anexo I-Parecer do Comitê de Ética- CCS/UFPB.....	59
	Anexo II- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	60
	APÊNDICES	
	Apêndice A- Ficha de Registro Institucional.....	61
	Apêndice B – Entrevista dirigidas as crianças e adolescentes.....	62
	Apêndice C – Questionário Sociodemográfico.....	65

## 1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual é uma violação aos direitos humanos. No Brasil, o abuso sexual infantil é o segundo tipo de violência mais frequente em crianças que se encontram na faixa etária entre zero e nove anos, ficando atrás apenas das notificações de negligência e abandono (VEJA, 2011). Segundo o levantamento organizado pelo Ministério da Saúde (2011), foram registrados 14.625 notificações de violência doméstica, abuso sexual e agressões físicas contra crianças com idades abaixo de dez anos. Especificamente a violência sexual representou 35% das notificações.

Isto posto, o abuso sexual tem sido considerado como um dos maiores problemas de ordem social, acometidos, principalmente, contra crianças e adolescentes (BEZERRA, 2006). Desta feita, tem sido uma preocupação do poder público haja visto ser um problema complexo que envolvem questões sociais, políticas, jurídicas, psicológicas e de saúde pública.

Dessa forma, a violência sexual tem sido discutida entre as esferas sociais, pois envolvem questões socioeconômicas, de vulnerabilidade, políticas e psicológicas. Para Liborio e Camargo (2006), a violência sexual contra crianças e adolescentes acontecem em todo o mundo e tem mobilizado diversos segmentos sociais.

Devido aos altos índices de incidência do abuso sexual contra crianças e adolescentes, o mesmo vem sendo considerado como um problema de saúde pública, já ocasiona sérias consequências no processo de desenvolvimento das vítimas.

Frente a isso, percebe-se que o abuso sexual infanto-juvenil pode trazer sérias consequências ao desenvolvimento das crianças, tais como: tentativas de suicídio, isolamento afetivo, baixa autoestima, fobias, dificuldades de estabelecimento de limites, dificuldades de aprendizagem, frigidez, vaginismo, etc (MEYER, 2007). Assim é preciso está atento aos sinais e sintomas apresentados pela criança e adolescente.

Apesar das crianças a adolescentes apresentarem diversos sintomas em consequência do abuso sexual, esse tipo de violência tem sido o mais difícil de ser detectado e, conseqüentemente, combatido porque, na maioria das vezes, acontece dentro de casa, no silêncio da família. Sobre isso, Teles (2012) afirma que, geralmente, o agressor encontra-se próximo a criança, no interior do grupo familiar, como um pai ou padrasto, ou pessoas da comunidade, vizinhos e amigos.

Diante do exposto, pode-se perceber o quanto é difícil para a criança e adolescente falar sobre o abuso sexual e, principalmente, denunciá-lo, pois, por ser geralmente praticado dentro do âmbito familiar, o sujeito agredido se sente intimidado e pressionado psicologicamente, devido às ameaças efetuadas.

Com base nisso, adotou para este estudo a Teoria da fenomenologia que foi proposta por Edmund Husserl (1858- 1938). O qual buscou compreender como os indivíduos percebem, significam e compreendem o fenômeno estudado. Nesse sentido Dias e Rodrigues (2008), mostram que através do olhar fenomenológico é possível compreender o indivíduo em sua totalidade, pois quando se olha a criança e o adolescente sobre essa óptica também se olha para o social, o cultural e, sobretudo, para nós mesmos.

Para tanto, o presente estudo teve por objetivo geral compreender as narrativas dos infanto-juvenis vítimas de abuso sexual à luz da fenomenologia. Especificamente visou identificar o significado da família para as infanto-juvenis vítimas de abuso sexual, conhecer a percepção dos infanto-juvenis vítimas de abuso sexual sobre a vida no abrigo, verificar o sentido da vida escolar para as infanto-juvenis vítimas de abuso sexual, analisar a percepção dos infanto-juvenis vítimas de abuso sexual sobre o passado, o presente e o futuro, e entender o significado do segredo nas narrativas dos infanto-juvenis vítimas de abuso sexual.

O presente estudo foi desenvolvido em duas partes. A primeira é denominada “Marco Teórico” a qual aborda na primeira parte: questões relacionadas ao histórico do abuso sexual, os conceitos do abuso sexual, os aspectos jurídicos, as características dos protagonistas do abuso sexual infanto-juvenil e as consequências no processo de desenvolvimento das vítimas. A segunda aborda as questões relacionadas à teoria da Fenomenologia. E será dividido em dois momentos: sendo o primeiro, a fenomenologia e o abuso sexual, e o segundo, a fenomenologia e a psicopedagogia.

A segunda etapa foi titulada “Estudo Empírico” em que se explana o método utilizado para a realização do estudo. Nessa etapa, discutiram-se os principais resultados apresentados e as considerações finais, a qual aborda as limitações do estudo, as contribuições e as possibilidades de pesquisas futuras. Por fim, foram apresentadas as referências bem como os anexos e apêndices.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Perspectiva Histórica do Abuso Sexual Infantil**

O abuso sexual está presente em todo o mundo, independentemente da classe social, grupo étnico ou religioso. Oliveira (2006) retrata que esse tipo de negligência é um dos pontos marcantes da cultura da humanidade, pois no decorrer da história as práticas de violência contra criança eram tidas como normais.

Alguns autores (LABADESSA; ONOFRE, 2010; ALMEIDA, 2003) explicam que, até o século XVII, as crianças eram integradas as brincadeiras sexuais dos adultos, muitas desses infantis não tinham proteção alguma e com frequência eram usadas como objeto para as práticas de abuso sexual.

Labadessa e Onofre (2010), em uma pesquisa bibliográfica sobre os aspectos históricos do abuso sexual, afirmaram que de acordo com a lei Talmúdica era possível o uso sexual de meninas a partir dos três anos de idade, desde que o pai consentisse e recebesse o dinheiro que lhe parecia adequado por sua filha. Nesse sentido, Labadessa e Onofre (2010) relatam que as crianças eram propriedades de alguém, e se essa pessoa quisesse vender, alugar ou emprestar, só era preciso dar um valor. Tanto as mulheres quanto as crianças eram tratadas como mercadorias sexuais que pertenciam a um proprietário. Nessa época não havia punição para os homens que tinham relações com crianças com menos de três anos de idade. Os autores acima também relatam que esses fatos ocorriam, entre outros locais, na ilha de Creta, onde era bem vista a atitude de um velho raptar garotas para seu usufruto.

Hayeck (2009), pesquisando a história do abuso sexual, ressaltou que o imperador romano Tibério tinha afeições sexuais com crianças e as tomava como seu objeto de prazer. Nesse sentido, Pedersen e Grossi (2011) afirmaram que no período colonial, as crianças não eram consideradas como sujeitos de direitos e, por isso, eram vítimas das mais diversas formas de abuso. Diante desses relatos, percebe-se o quanto as crianças e adolescentes eram maltratados e eram vistos como objetos.

A partir do século XIX essa realidade do abuso sexual começa a mudar, pois com a Revolução Industrial a consciência social das pessoas foi mudando. Isso se deu através das novas condições sociais e urbanas que a sociedade passou a viver (PEREIRA, 2006), despertando nas famílias o interesse pela proteção infantil.

## 2.2 Abuso Sexual Infantil: Definição

Conforme foi dito anteriormente, o abuso sexual está presente há muito tempo na sociedade independente de classes social. Desde a antiguidade, mulheres e crianças vêm sofrendo com essas práticas. Ferreira (2002) aponta que é na Era Moderna mais precisamente nos séculos XVIII e XIX, que se torna central a preocupação com a sexualidade infantil e com a relação entre comportamento sexual e saúde.

Na literatura, encontram-se vários autores (LIMA; ALBERTO, 2012; COIMBRA; SANTOS, 2006; FERREIRA, 2004) trazendo em seus estudos o conceito do abuso sexual, todavia não há um consenso universal acerca da sua definição. Habigzang et al (2011) compreendem o abuso sexual como todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a vítima. Para Borges e Dell' Agilo (2008), o abuso sexual constitui uma das categorias de maus-tratos contra crianças e adolescentes, as quais incluem ainda o abuso físico, o abuso psicológico, o abandono e a negligência.

Já Andi (2002) define o abuso sexual como ato ou jogo sexual em que o adulto submete a criança ou o adolescente (relação de poder desigual) a lhe satisfazer sexualmente, impondo-se pela força física, pela ameaça ou pela sedução, com palavras ou com oferta de presentes.

Segundo o Sistema Nacional de Combate à Exploração Sexual Infanto-juvenil (ABRAPIA, 2006), o abuso sexual é uma situação em que a criança é usada para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, baseado em uma relação de poder que podem incluir carícias, manipulação das genitais, mama ou ânus.

Alguns autores (VIEIRA, 2006; BORGES; AGLIO, 2008), dividem o abuso sexual em dois tipos: o abuso sexual com e sem contato físico. O primeiro é o com contato físico que incluem atos físico-genitais: relações sexuais com penetração, toque das partes genitais, sexo oral, penetração anal, pornografia de crianças e a prostituição visando fins lucrativos dentre outros; o segundo está relacionado ao abuso sexual verbal, telefonemas obscenos, exibicionismo, voyeurismo, mostra vídeos pornográficos e fotos a uma criança.

Na literatura, encontram-se alguns autores (ADED ET AL, 2006; CAMARGO, 2006; GUIA ESCOLAR, 2004; LIBORIO, 2006) que compreendem o abuso sexual como a *pornografia*, a *prostituição infantil*, o *estupro* e o *atentado violento ao pudor*. A *pornografia* é uma forma de abuso sexual contra criança tendo como objetivo o lucro financeiro. Esses exploradores utilizam a imagem da criança na criação de vídeos, fotos, filmes e gravações obscenas. A *prostituição infantil* diz respeito a utilização ou participação da criança e adolescente em atos sexuais com adultos ou menores. O *estupro* é uma situação em que ocorre a penetração vaginal com o uso da violência ou grave ameaça. O *atentado violento ao pudor*, está discriminado no Código Penal Brasileiro, refere-se a uma situação em que o adulto constrange alguém a praticar atos libidinosos, sem penetração vaginal utilizando violência ou grave ameaça (ABRAPIA, 1997; FERREIRA, 2002).

Outros tipos de abuso sexual mencionados ainda pela literatura são o *incesto*, o *assédio sexual*, *abuso sexual intrafamiliar*, *abuso sexual extrafamiliar* e *exploração sexual comercial*. O *incesto* é a relação de caráter sexual exercida entre um adulto e uma criança, havendo entre eles laços de consanguinidade, afinidade ou de responsabilidade. O *assédio sexual* caracteriza-se por propostas sexuais que, na maioria das vezes, o agressor se utiliza de chantagens e ameaças contra a vítima (LABADESSA; ONOFRE, 2010; ABRAPIA, 2006). O *abuso sexual intrafamiliar* é a relação incestuosa representada pela maioria dos casos de abuso sexual na literatura. O *abuso sexual extrafamiliar* diz respeito ao ato de abuso cometido por alguém que a criança conhece, ou seja, um vizinho, um professor, um colega de sala, padres e pastores. E, por fim, a *exploração sexual comercial* que é bastante mencionada nos noticiários de TV, onde a criança é utilizada com fins lucrativos (ABRAPIA, 2006; BRAUN, 2002; PEDERSON; GROSSI, 2011). Segundo a ABRAPIA (2006), o uso comercial de crianças com objetivos sexuais envolve cerca de bilhões de dólares no mercado por ano.

Para este estudo foi adotado a definição de Abuso Sexual Infantil proposta pela ABRAPIA (2006), que considera o abuso como uma situação em que a criança é usada para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de uma adolescente mais velho incluindo contatos sexuais com ou sem penetração.

### **2.3 Características dos Protagonistas do Abuso Sexual Infantil**

### 2.3.1 Características das Vítimas

Embora não sejam de fácil verificação, existem algumas características que podem ser observadas nas crianças e adolescentes que estão sendo vitimizadas (os) pela violência sexual tais como: dificuldade de aprendizagem, choro acessivo sem razão aparente; fracasso no desenvolvimento, altos níveis de ansiedade, dificuldade de concentração, distúrbio do sono e na alimentação, sentimento profundo de insegurança, medo de confiar em homens, medo do escuro dentre outras características (COIMBRA; SANTOS, 2006; BEZERRA, 2006).

Corroborando com as informações acima, Bezerra (2006) apresenta outras características que podem ser observadas em crianças e adolescentes vitimizados pela violência sexual, tais como: brincadeira repetitiva de sexo com bonecas, brinquedos animais, com outras pessoas e sozinha, masturbação excessiva chegando ao grau de irritar os órgãos genitais e apego excessivo aos adultos.

Já Meyer (2007) aponta que o abuso sexual pode trazer consequências danosas às crianças no seu desenvolvimento futuro, destacando-se: tentativas de suicídio, isolamento afetivo, baixa auto-estima, fobias, dificuldades de estabelecimento de limites, dificuldades de aprendizagem, frigidez, vaginismo, etc.

Para Cogo, Mahl, Oliveira, Hoch (2012), o impacto do abuso sexual sobre o desenvolvimento das vítimas depende de vários fatores, a saber: as características individuais de cada criança, a família que ela está inserida, o meio social em que a mesma vive, o tipo de abuso, a revelação aos pais, a idade que aconteceu o abuso e a frequência do mesmo na vida da criança.

Corroborando com a informação acima, em estudo realizado por Habigzang et al (2006), verificou-se que as meninas (com idades entre nove e treze anos) participantes da pesquisa, submetidas a um episódio de abuso sexual, apresentaram pensamento e crenças distorcidas sobre si mesmas e sobre o abuso. Elas se sentiam culpadas pelo abuso e, principalmente, pelos conflitos familiares decorrentes da revelação.

Para Bezerra (2006), a criança vítima de abuso na escola se depara com diversas dificuldades, a exemplo de comportamento estereotipado, não tem atenção

direcionada, tem dificuldade de fazer amizade, chora com frequência, apresentam uma agressividade excessiva e a maioria são bastantes rebeldes.

De acordo com Azevedo (2001), a criança que passou pelo abuso pode apresentar redações e desenhos hipersexualizados, intensa masturbação, comportamento excessivo invasivo ou excessivamente retraído. Para tanto, é importante que os pais, professores e profissionais conheçam a criança e sempre escute o que os mesmos têm a dizer.

Conforme o Guia Escolar (2004), algumas características devem ser observadas por pais e professores em relação ao desempenho escolar da criança, tais como: assiduidade e pontualidade exageradas, chegada cedo e saída tarde da escola, pouco interesse de retorno para casa, baixo desempenho nas atividades escolares, dificuldade de concentração, agressividade com a professora e não participação da aula.

O abuso sexual infantil é um evento traumático que muitas das vezes pode apresentar-se como um fator de risco para o desenvolvimento físico, psicológico, social e cognitivo das vítimas.

### **2.3.2 Características dos Agressores**

Em relação às características dos agressores é difícil encontrar estudos corroborem acerca da definição do perfil dos agressores (e.g. SERAFIM COLABORADORES, 2009; NAISSINGER; VASCONCELOS, 2009; MARTINS; JORGE, 2010). Para Serafim e colaboradores (2009), há necessidade de mais estudos acerca do perfil psicológico dos agressores sexuais, especialmente que abordem a validade científica.

Algumas características são observadas nos agressores, pois geralmente o agressor apresenta uma maior capacidade física, social e psicológica em relação à criança que está sendo vitimizada pelo abuso (BEZERRA, 2006). Os agressores geralmente fazem com que as crianças se sintam extremamente amedrontadas em revelar a ação abusiva, inculcando-lhes sentimentos de culpa, medo de ser recriminada ou punida (NAISSINGER; VASCONCELOS, 2008). Utilizam-se de carícias discretas e de presentes para atrair as crianças, dificilmente eles agem com violência o que acaba dificultando que as vítimas e as pessoas que estão ao seu redor descubram suas verdadeiras intenções. Em concordância com essa ideia Satler (2011)

afirma que o abusador é uma pessoa habilidosa em fazer com que todos que estão a sua volta percebam que ele é uma boa pessoa e que ao mesmo tempo em que abusa oferece afeto e cuidado a suas vítimas dificultando a descoberta do abuso. Assim, o agressor acaba induzindo a criança a se relacionar sexualmente com ele, e lança na mente dos infantis sentimentos e pensamentos de que ele deseja que as vítimas tenham em relação com ele.

O abuso sexual é desencadeado e mantido por uma dinâmica complexa. Em geral, aqueles que abusam sexualmente de crianças dificilmente modificam seus aspectos psicológicos, culturais e sexuais, embora corram risco os mesmo continuam com as suas práticas (SERAFIM, 2009). Para Satler (2011), os agressores negam sempre o abuso, na impossibilidade de negar, colocam a responsabilidade em outras pessoas, além de apresentarem comportamento cooperativo e agradável mostrado cuidado sobre a vítima.

Em sua pesquisa sobre abusadores sexuais, Satler (2011), descreve dois tipos de abusadores masculinos que é o tipo situacional e o preferencial. No situacional, o abusador que tem o envolvimento erotizado com crianças não resulta de uma preferência sexual por essas tende a excitar-se por adultos. Esse tipo subdivide-se em três categorias: o *situacional regressivo* onde o abusador costuma ter preferência por adultos e não apresenta preferência sexual por crianças. Já o *situacional moralmente indiscriminado* o abuso da criança faz parte do conjunto de abusos de diferentes naturezas que pratica frente a outras pessoas, crianças ou adultos (esposo, amigos, sócios). O último é o *situacional inadequado* é representado por pessoas portadoras de psicose, retardo mental, sensibilidade ou com personalidade excêntrica, o famoso solitário as suas vítimas não são necessariamente crianças pode ser qualquer pessoa vulnerável quando este mantém relação com uma criança tende a ser anal ou oral. No segundo tipo, o preferencial (conhecido como pedófilo), sua satisfação só será alcançada se a vítima for uma criança. Esse grupo tende a ser bastante inteligente e pertence a classes sociais mais elevadas.

Um estudo descritivo de corte transversal realizado por Martins e Jorge (2010) sobre o perfil dos agressores no município de Londrina/PR, mostrou que 97,3% dos agressores eram do sexo masculino, destes, 25,4% têm idade de 40 anos, e 21,5% com idade de 30 a 34 anos, e que na maior parte dos casos os agressores eram

sempre alguém próximo das famílias das vítimas e utilizavam de ameaças para praticar o abuso e manter o segredo.

Diante das características observadas nos agressores sexuais percebe-se que os mesmos não reconhecem a natureza abusiva e, muito menos, as consequências que eles provocam no processo de desenvolvimento das vítimas.

#### **2.4 Consequências do Abuso Sexual no Processo de Desenvolvimento das crianças**

São muitas as sequelas que o abuso sexual acarreta na vida de uma criança, deixando consequências para toda a vida. Na mentalidade de uma criança, que se encontra em desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo, afetivo e social (HABIGZANG, 2006; BORGES; DELL' AGLIO, 2008), o abuso sexual é um fator traumático que acarreta uma situação de angústia e de agitação em seu comportamento e acaba interferindo no seu processo de desenvolvimento desencadeando efeitos negativos, como baixa auto-estima.

Dessa forma, percebe-se o quanto a negligência e a crueldade podem atingir a vida de uma criança abusada. Habigzang e Koller (2011) afirmam que as características do abuso sexual também podem está associadas ao impacto desta experiência para o desenvolvimento da vítima.

Outro ponto a ser destacado sobre o abuso sexual infantil, refere-se as características que podem estar associadas ao impacto desta experiência para o desenvolvimento da vítima, tais como: a idade da criança no momento do abuso, a duração, a frequência, a proximidade afetiva com o agressor, o grau do segredo e ameaça, a ausência dos pais, o recebimento de recompensas e a negação do agressor (HABIGZANG, 2006; HABIGZANG; KOLLER, 2011). Desse modo, observa-se que esses fatos vão definir o impacto que o abuso sexual pode provocar na evolução do desenvolvimento da criança principalmente no que se refere a sua personalidade.

Um estudo exploratório realizado em Porto Alegre com 16 meninas vítimas de abuso sexual com idade de sete a 13 anos investigou as características do abuso e as consequências no processo de desenvolvimento das crianças. Essa pesquisa verificou que 11 meninas apresentaram problemas de concentração; nove medo, nove choravam com frequência, sete, tinham pesadelos durante a noite; sete

comportamento sexualizado e sete enurese. Todos esses sintomas estavam interferindo no processo de desenvolvimento das vítimas segundo os relatos das mães dessas meninas. Esse estudo ainda comprovou que 10 dos 16 casos investigados tiveram como diagnóstico o Transtorno do Estresse Pós-Traumático (BORGES; DELL'AGLIO, 2008).

Outra consequência que os infantes podem apresentar como sintoma é em relação à aprendizagem escolar. Nesse sentido, Marmitt e Lopez (2003) afirmam que os problemas emocionais que as vítimas estão enfrentando em decorrência do abuso poderá refletir diretamente na aprendizagem escolar. De acordo com Melli (2011), a criança abusada sexualmente pode ter problemas no seu processo de maturação emocional- cognitiva e na sua organização cerebral, tal ocorrência se dá em função de uma hiperativação dos sistemas neurais devido ao estresse. Em decorrência dessas alterações as crianças apresentam dificuldades com a aprendizagem verbal, atenção e memória, funções executivas fundamentais para o processo do desenvolvimento cognitivo.

Na escola, a criança pode apresentar falta de interesse pela aprendizagem e problemas de concentração. Miller (2011) afirma que é muito difícil para criança aprender qualquer coisa na escola e essa dificuldade em concentrar faz com que elas não absorvam ou não consigam armazenar as informações.

Para algumas crianças a escola acaba sendo um refúgio ou uma forma de tentar esquecer do mundo de perturbações que estão inseridas nem que seja por algumas horas. Tal estratégia é importante, pois as mesmas acabam entrando em mundo da fantasia todo seu, tentando se refugiar em uma vida onde elas podem mudar o percurso da sua história. Melli (2011) afirma que esse processo se dá para que elas se protejam e, assim, consigam superar a experiência traumática do abuso.

Conforme apresentou na literatura (BORGES; DELL'AGLIO, 2008; MARTINS; JORGE, 2010), ficou evidente que uma criança vítima de abuso sexual apresenta uma variedade de sequelas emocionais e comportamentais que acabam interferindo no processo de desenvolvimento das vítimas.

## 2.5 Aspectos Jurídicos do Abuso Sexual Infantil

O abuso sexual infantil tem sido ponto de debate na sociedade. A principal pauta em questão é saber como o poder público pode garantir o direito de proteção à criança e ao adolescente e como repensar as políticas públicas voltadas a essa população (AZAMBUJA, 2004).

A violência sexual infantil está presente em toda parte do mundo, e muitas das vezes seus agressores estão dentro do ambiente familiar, tendo em vista que a maioria dos agressores são alguém de confiança da família (HABIGZANG; KOLLER; AZEVEDO; MACHADO, 2005; NAISSINGER; VASCONCELOS, 2009). Quando esse tipo de violência está dentro do âmbito familiar, no caso o abuso sexual intrafamiliar, o mesmo chama muita atenção, pois na maioria dos casos é alguém que a criança ama e confia.

Nesse sentido, a sociedade, por meio de instituições do Legislativo, Executivo e Judiciário, tem o poder de regular quais práticas sexuais são legais e ilegais e quais modalidades são consideradas crime (GUIA ESCOLAR, 2004).

No Brasil, existem leis que garantem o direito de proteção à criança e ao adolescente, como a Constituição Federativa do Brasil (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e o Código Penal (1940).

Diante deste cenário, dos direitos assegurados à criança e ao adolescente a Constituição Federativa do Brasil (1988), no seu artigo 227 diz:

É dever da família, da sociedade e do estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, a alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, art. 227, p. 142).

Sobre esse assunto vale destacar que é dever da família proteger a criança, mas sabe-se que muitas acabam sendo negligentes, cruéis, coniventes, exploradoras e agressoras. Nesse sentido, Ferreira e Azambuja (2011) afirmam que quando o abuso sexual ocorre dentro do ambiente familiar à mesma costuma apresentar maiores dificuldades de manejo. Dessa forma, é difícil para a justiça julgar os casos de violência sexual dentro da família, pois na maioria dos casos não há provas materiais contra esse crime (HABIGZANG, ET AL, 2005). Além disso, Ramires e Froner (2008) afirmam que alguns profissionais não têm experiências com essas crianças e para poder convocá-

las para uma audiência e fazer-lhe várias perguntas é preciso estabelecer um vínculo com elas.

Corroborando com a informação acima, quando se fala em direito da criança, logo se pensa no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA,1990/2011). Criado no dia 13 de julho de 1990, Lei nº 8.069. O ECA (1990/2011) garante a criança seus direitos de ser protegido e respeitado. Cavalcanti (2008) afirma que o estatuto representou um marco para as relações entre pais e filhos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, no artigo 5º dispõe que:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (ECA, 2011, p.26).

Ainda nos artigos 240 e 241, o ECA adverte que:

Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfico, envolvendo crianças ou adolescente é crime podendo pegar pena de reclusão de 4 a 8 anos e multa. E vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenham cena de sexo explícito ou pornográfico envolvendo criança ou adolescente o agressor pode pegar pena de 4 a 8 anos, e multa (ECA, 2011, p. 87).

Apesar do ECA elencar como crime tais condutas (produzir, redigir fotos de crianças, filmar ou registrar cena de sexo explícito ou pornográfico entre outras), isto parece não ser suficiente para inibir o comportamento dos agressores. Assim, há a necessidade do apoio da sociedade civil para pressionar o legislativo e executivo no sentido de propor penas mais severas para àqueles que cometem crimes desta natureza, como também, desenvolver políticas públicas que venham a salvaguardar os direitos das crianças e adolescentes, bem como, atender as vítimas do abuso sexual.

Prado (2007) relata que essas políticas públicas precisam ir além, não apenas ficar no campo da repressão, mais principalmente trabalhar na prevenção dos danos, resgatando a dignidade dessas famílias que muitas vezes ficam excluídas da sociedade.

O Código Penal, nos seus artigos 217 e 218, trata dos crimes sexuais contra o vulnerável. O artigo 217 traz que:

Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 anos é crime podendo pegar pena de 8 a 15 anos. E induzir

menor de 14 anos a satisfazer a lascívia de outrem o agressor pode pegar pena de dois a cinco anos. E praticar, na presença de alguém menor de 14, ou induzi-lo a presenciá-la, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer a lascívia própria ou de outrem a pena pode ser de dois a quatro anos (CÓDIGO PENAL, 2011, p.88).

De modo semelhante ao ECA, o Código Penal expõe uma série de leis que tutelam os bens jurídicos do indivíduo, dentre eles, a dignidade sexual do vulnerável. Segundo Rodrigues et al (2009), a Lei 12.015/09 que aborda sobre o crime de estupro passou a abarcar, além do anteriormente previsto, também as condutas delitivas do atentado violento ao pudor.

Desta maneira, percebe-se o quanto é importante à sociedade trabalhar para mudar o cenário dos crimes sexuais contra criança e adolescente, pois cada vez mais tem se presenciado na mídia casos de crimes desta natureza.

Cunha (2013), em uma pesquisa sobre o alto índice de violência sexual no Brasil mostrou que entre janeiro e junho de 2012, ao menos 5.312 pessoas sofreram algum tipo de violência sexual no País. O número representa queda de 28% em relação a 2011, mas um crescimento de 54% em relação ao mesmo período de 2009.

Diante dessa realidade, Habigzang et al (2005), estudando processos jurídicos de vítimas de abuso sexual, afirmam que o fim da violência sexual e o início do processo jurídico dependem do relato das vítimas e que muitos dos casos não há provas materiais desse crime. Nos casos que foram estudados por esses pesquisadores, a situação de abuso sexual foi confirmada por grande parte das vítimas sendo 47 % ao conselho tutelar, 39,8% o juizado da infância e juventude, 36,1% as mães, 31,3 % a delegacia de polícia, 26,5 % ao mistério público apenas 11, 7% não confirmaram a agressão.

Quando a denúncia do abuso é feita, a criança é chamada a depor para um juiz. Nessa ocasião, o depoimento da criança é confrontado com (o do agressor), a declaração do agressor, pode ser ouvido na frente da criança gerando um conflito na mente da mesma (FRONER; RAMIRES, 2008). Tal conflito se dá, especialmente, porque os infantis sentem medo que o agressor saia impune dessa situação e acabe cumprindo as ameaças que fez de matar sua família e, até mesmo, de voltar a sofrer as agressões. Nesse sentido Froner e Ramires (2008) afirmam que ao tornar a palavra pública, a criança expõe todo o seu íntimo, de um total silêncio e segredo, ela passa a ser vulnerável, para cumprir com procedimentos jurídicos.

Na tentativa de diminuir o sofrimento das crianças abusadas sexualmente durante o relato da violência, no ano de 2010, o Conselho Nacional de Justiça determinou que fossem instaladas salas especiais para ouvir crianças vítimas de abuso sexual. No entanto, de acordo com D'Agostine (2012), existem atualmente no Brasil pouco mais de 70 salas, o que dificulta o processo de escuta do relato das vítimas, especialmente as menores.

Ramires e Froner (2008) afirmam que um ambiente agradável, com materiais lúdicos, a criança relatar a violência de forma menos traumática e mais condizente com a realidade. Tais constatações se dão através de um estudo clínico realizado pelos pesquisadores com uma menina de cinco anos que vivia com a mãe e foi abusada pelo padrasto. A criança havia contado a avó sobre o abuso, que denunciou o agressor à polícia. Essa denúncia resultou em um processo que tramitou no juizado da Infância e da Juventude. A criança foi chamada a depor numa sala especial previamente preparada por uma psicóloga, que juntamente ao juiz, avaliou através do desenho e da fala da criança a ocorrência do abuso (RAMIRES; FRONER, 2008).

Desse modo, percebe-se o quanto é importante que pais, professores, profissionais e políticos se unam e procurem sempre pensar no bem estar dessas crianças. E que juntos cumpram os ditames constitucionais que estão bastante claros no ECA, na Constituição Federativa do Brasil e no Código Penal. Por isso, é importante entender o fenômeno do abuso sexual na visão das crianças, entender a percepção acerca desta violência, como se sentem, conhecer a percepção dessas crianças acerca da sua vida dentro da família e na escola.

## **2.6 A fenomenologia**

### **2.6.1 Compreendendo o fenômeno do Abuso Sexual a luz da Fenomenologia**

A fenomenologia teve como pioneiro o filósofo Edmund Husserl (1858-1938). Husserl foi matemático e buscou na psicologia respostas sobre o que é o número e o que o constitui? Mas não obteve as respostas desejadas, pois a psicologia era um campo vasto e novo. Da psicologia, ele descobre um conceito importante para a filosofia fenomenológica, que é o conceito da intencionalidade da consciência (POKLADÉK, 2000). Husserl propôs uma forma de estudar a intencionalidade como integradora da consciência e do objeto.

A palavra fenomenologia do grego que dizer *phaenomenon* que significa aquilo que se mostra. Pokladek (2002) afirma que a palavra fenomenologia não é nova, mas *phaenomenon* diz respeito à relação humana com aquilo que aparece, de modo que a palavra grega quer mostrar nossa relação com o mundo.

Na primeira metade do século XX, a fenomenologia muito influenciou a sociedade científica coisa que ainda faz nos dias atuais, através da sua ligação com a filosofia e a literatura. Silva (2004) afirma que a fenomenologia é fundadora do pensamento contemporâneo.

Silva e colaboradores (2002) define a fenomenologia como a busca por compreender a percepção consciente do fenômeno pelo indivíduo. Para Jung (2006), a fenomenologia significa o estudo dos fenômenos, mais precisamente, dos fenômenos que surgem à consciência de quem os percebem. Para Galeffi (2000), a fenomenologia é um método, o que significa dizer que ela é o caminho da crítica do conhecimento comum das essências. Diante do exposto, percebe-se que a fenomenologia parte das possibilidades buscando compreender como as coisas se revelam a partir de nossas próprias vivências e qual o significado que atribuímos a elas, ou seja, como pensamos e como se percebe as experiências que se vive.

Dessa forma, é importante ressaltar que através dos estudos fenomenológicos é possível entender que dois seres humanos podem dividir a mesma arquitetura biológica e genética, mas no que se refere á como um deles percebe, por exemplo, uma cachoeira, uma cor ou até mesmo um cheiro, o mesmo não será compreendido exatamente igual ao que o outro percebe ou compreende (BALLONE, 2005). Isso se da por que, para cada indivíduo a percepção se da de acordo com a realidade apreendida por cada pessoa. Cada pessoa entende o fenômeno de uma forma diferente e única.

A fenomenologia tem por meta, partir das possibilidades para entender como se revela a aprendizagem a partir das nossas próprias vivências. Conforme Silva e colaboradores (2006), a fenomenologia tem como principal argumento a exploração do mundo, da vivência, da vida subjetiva e interior. Ou seja, a construção fenomenológica busca a consciência do sujeito através da declaração das suas experiências.

Desse modo, a Fenomenologia prega a volta às próprias coisas, ou seja, o retorno ao fenômeno tal como este se mostra à

consciência, o retorno ao mundo da experiência à existência e à vivência original do sujeito (JUNG, 2006, p.60).

Nessa relação, percebe-se o quanto a fenomenologia é algo dinâmico, pois Husserl entendia as coisas através do mundo sensível e não supra-sensível, ele entendia as coisas a partir das vivências dos indivíduos e como elas estabeleciam o significado para as suas vivências (SILVA, 2004). Diante do exposto, o abuso sexual a luz da fenomenologia procura adentrar nas experiências do indivíduo, tentando compreender como ele se percebe no mundo que está inserido.

Corroborando com a informação de Jung (2006), o estudo fenomenológico pretende, através de uma análise objetiva dos dados subjetivos obtidos, explorar os significados da experiência vivida e construir uma compreensão do fenômeno em estudo.

Uma criança que sofreu abuso pode apresentar comportamentos decorrentes do impacto do fenômeno no seu desenvolvimento físico e mental. Nesse sentido, o estudo fenomenológico buscará compreender, através dessa experiência traumática os significados que os indivíduos atribuem a essas relações.

Para Jung (2006), o conhecimento destes significados tornará possível, a partir da compreensão das relações deste indivíduo com o mundo e com as pessoas. É muito importante ver o significado que as crianças e adolescentes abusadas sexualmente vão construir acerca da experiência traumática, ou seja, qual o significado para elas, como percebem o mundo a sua volta e como vão se relacionar com as pessoas. É importante que a sociedade consiga compreender esse fenômeno tendo em vista que as crianças foram vítimas de um crime, o qual trará marcas profundas em sua vida. Sendo, portanto, obrigação da sociedade proteger as crianças.

O abuso sexual é um fenômeno complexo, pois muitas famílias escondem esse tipo de brutalidade, principalmente, quando a mesma ocorre dentro do âmbito familiar tendo em vista que muitas famílias preferem ter o marido em casa a ter que denunciá-lo, já que em alguns casos ele é o mantenedor do lar e essas mães acabam fechando os olhos diante da realidade (BORGER; DELL' AGLIO, 2008). Quando tal fato acontece, Capitão e Romaro (2008) afirmam que para a criança é muito difícil procurar ajuda, pois acreditam que ninguém irar dar crédito, e que as mesmas são a causa da discórdia familiar. Nesse sentido, percebe-se que na maioria dos casos as crianças acabam tendo medo de falar da experiência traumática guardando sua

história particular solitariamente por longos anos até chegar à adolescência ou fase adulta.

Quando as experiências traumáticas vivenciadas na infância não são tratadas, o indivíduo quando adulto pode apresentar problemas com relação a sua imagem corporal, ou seja, essa pessoa poderá não apresentar desejo por outrem (BRANDÃO; ALVES, 2012).

Percebe-se que quando a criança não tem um acompanhamento adequado à mesma terá dificuldades de conviver com as suas lembranças. Podendo criar uma imagem distorcida do seu próprio corpo.

Dessa forma, a fenomenologia em uma abordagem existencial-fenomenológica que trabalha com uma visão de que o ser humano é um ser no mundo. Procura fazer com que a pessoa seja capaz de modificar o que é oferecido pelo mundo, tendo assim uma vivência autêntica (BRANDÃO; ALVES, 2012, P. 71).

Araújo (2007) realizou um estudo de caso com uma adolescente que foi violentada aos 9 e 11 anos pelo pai. Sua pesquisa foi qualitativa de orientação fenomenológica existencial gestáltica e teve como objetivo desvendar alguns significados atribuídos ao fenômeno do abuso sexual intrafamiliar pela adolescente. Esse autor observou como era o sentimento dessa adolescente em relação ao agressor, a dificuldade em falar da vivência do abuso e a família reconstruída. As suas reflexões apontaram que a compreensão vivida pela adolescente no seu campo existencial reflete na sua forma de ser no mundo e nas interações que estabelece consigo mesma e com os pares.

Nesse sentido, é preciso que os pais e os educadores procurem criar um hábito de dialogar com as crianças, transmitindo aos infantis e aos adolescentes um ambiente de confiança onde eles possam se sentir à vontade para conversar sobre o que quiserem e, principalmente, por algum sentimento que lhe causem angústia. Pois os pais e educadores precisam prestar atenção nos comportamentos e atitudes das crianças quando mostram que estão sofrendo (BEZERRA, 2006). Desse modo, é preciso compreender a pessoa como pessoa, e o fenômeno como aquele que surgiu através desta pessoa (DIAS; RODRIGUES, 2008). A criança precisa compreender o fenômeno do abuso sexual para assim conseguir falar sobre suas vivências, pois não

é fácil falar dessa experiência traumática principalmente quando a mesma aconteceu dentro do núcleo familiar.

Jung (2006) realizou um estudo de ordem qualitativa fenomenológica, sua pesquisa foi realizada com oito crianças vítimas de violência sexual, que foram submetidas aos estímulos das manchas do Psicodiagnóstico de Rorschach. Esse estudo teve por objetivo compreender como os infantis percebem o humano em si e na convivência interpessoal bem como detectar se havia danos psíquicos associados à capacidade de se relacionar interpessoalmente. Os resultados apontaram que a maioria das crianças associavam os personagens como alguém agressivo, amedrontados, em situação de sofrimento físico ou psíquico.

Logo se percebe que a fenomenologia permite ao indivíduo fazer uma releitura da sua própria vida tendo em vista que o mundo nem sempre é do jeito que pensamos, mas sim o que vivemos e como percebemos. Desse modo, a fenomenologia pode ajudar a desvendar esse fenômeno do abuso sexual através das vivências das crianças no seu cotidiano e com a sociedade.

### **2.6.2 A fenomenologia e a Psicopedagogia**

A Psicopedagogia que é um campo de conhecimento que tem como meta compreender o fenômeno da aprendizagem humana bem como as suas dificuldades, capacidades e possibilidades de aprender.

Para Diniz (2010), a psicopedagogia é uma área do conhecimento de atuação na Saúde e na Educação. A mesma nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem. Porto (2009), afirma que a psicopedagogia é uma área de estudo nova, que está voltada para o atendimento de sujeitos com problemas de aprendizagem. De acordo com o Código de Ética do Psicopedagogo (1996), a psicopedagogia é um campo de atuação em educação e saúde que lida com o processo de aprendizagem humana.

A psicopedagogia surgiu no Brasil na década de 70, cujas dificuldades de aprendizagem eram associadas a uma disfunção neurológica. Sampaio (2005), afirma que nessa época era moda apresentar problemas de aprendizagem, que serviam para camuflar problemas sociopedagógicos. Uma das maiores preocupações dos estudiosos nessa época era saber por que alguns sujeitos não aprendiam.

A psicopedagogia é uma área do conhecimento bastante nova, a mesma vem despertando o interesse de diversos profissionais que atuam na escola por se tratar de uma área que lida com o processo de aprendizagem bem como com as dificuldades de aprendizagem apresentadas por muitas crianças, que a procura se dá quando os infantis começam a apresentar problemas na escola. Embora a aprendizagem não se dê só no ambiente escolar e, sim, em casa, na família e nas relações sociais (BAYER, 2006).

A psicopedagogia atua no processo de aprendizagem, a nível preventivo e terapêutico. Dessa maneira, a psicopedagogia se torna um campo com o conhecimento amplo, onde seu objeto central de estudo é o processo da aprendizagem humana. A atuação da psicopedagogia pode ser no âmbito clínico e institucional. A psicopedagogia institucional terá um caráter preventivo buscando criar competências e habilidades para solucionar os problemas de aprendizagem. A esse respeito, Porto (2009) destaca que a ação da psicopedagogia institucional busca, fundamentalmente, auxiliar o resgate da identidade da instituição como o saber e, portanto, com a possibilidade de aprender. Diante do exposto, percebe-se o quanto a psicopedagogia institucional é importante, pois dentro da instituição o psicopedagogo é capaz de contribuir na prevenção de problemas que possam afetar o processo de aprendizagem do indivíduo. Já a psicopedagogia clínica o profissional atuará como terapêutico, ou seja, seu trabalho será avaliar e diagnosticar as dificuldades de aprendizagem bem como elaborar um plano de intervenção. Diniz (2010) afirma que o psicopedagogo dar diagnóstico, orienta pais, atende em tratamento e investiga os problemas emergentes nos processos de aprendizagem.

Para compor o seu objeto de estudo a psicopedagogia busca conhecimento em algumas áreas do saber, tais como: Neurologia, Psicologia, Filosofia, Sociologia, Pedagogia. Esses conhecimentos servem para fundamentar a teoria psicopedagógica. Dessa forma, todas essas áreas providenciam meios para refletir o operar no campo psicopedagógico (DINIZ, 2010). Portanto, quando se fala na identidade do psicopedagogo, pode-se afirmar que ele é o profissional que, reunindo conhecimento de várias áreas e estratégias pedagógicas e psicológicas, se volta para o processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Nesse sentido, a aprendizagem é um fenômeno que acontece na vida de todo ser humano tendo como objetivo promover o seu desenvolvimento. Nesse mesmo âmbito, Silva (2002) afirma que a aprendizagem é um exercício de permanecer no

mundo em suas experiências sociais, éticas e políticas. Desse modo, percebe-se que todo o ser humano sempre está atribuindo significados a suas vivências e experiências. É diante dessas vivências e experiências que o psicopedagogo através de um olhar fenomenológico buscara compreender a subjetividade do aprendiz. Para Silva (2002), é preciso o psicopedagogo elevar a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, percebe-se que o aprender é uma ação que modifica o estado anterior que o sujeito se encontrava, pois dependendo das vivências que o sujeito passou poderá ocorrer um desequilíbrio em suas aprendizagens existentes como os valores, princípios familiares, nas amizades e escola. Para Silva (2009), essa aprendizagem só vai acontecer quando o indivíduo consegue organizar e encontrar novos comportamentos para atingir suas metas.

Castro (2013), em uma pesquisa com professores sobre a inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem na escola, percebeu, através do método fenomenológico, que a dificuldades de aprendizagem do indivíduo pode de responsabilidade do educador por não percebe como esse indivíduo tem chegado no ambiente escolar, qual a bagagem que ele está carregando e como o mesmo tem interpretado essas vivências. Pois, para a fenomenologia, é preciso que se perceba o mundo da maneira que é vivenciada pelo sujeito e não o mundo no sujeito. Corroborando com esse pensamento Gil (2008), afirma que:

O intento da fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição direta da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca de sua gênese psicológica e das explicações causais que os especialistas podem dar. Para tanto, é necessário orientar-se ao que é dado diretamente à consciência (GIL, 2008, p.14).

Silva (2004), em seus estudos sobre a fenomenologia e aprendizagem, afirma o quanto é importante o professor construir um clima facilitador para o aprendizado da criança. E mostra que o professor tem que ter uma posição empática em relação ao alunado se colocando na perspectiva de quem aprende.

Diante de um olhar fenomenológico, a psicopedagogia buscará compreender a história de vida do indivíduo a partir dos fatos vividos e construídos por estes sujeitos. Pois para aprender é preciso estar com vontade de crescer, é preciso descobrir algo novo em si e saber sobre suas ausências e lacunas (SILVA, 2004).

Em uma pesquisa realizada por Kristensen e colaboradores (2001), com meninos vítimas de violência sexual procurou através de uma abordagem fenomenologia ver como os participantes sentiam-se quando tinham que revelar o abuso. Os resultados apontaram que o contexto do abuso é experienciado pelos meninos na forma de prejuízos nas múltiplas relações afetivo-cognitivo-comportamentais, pois o abuso sexual acarreta prejuízos vivenciais (relação consigo mesmo) e prejuízos relacionais (relação com os outros).

Portanto, o psicopedagogo precisa construir uma relação de confiança com as crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Para Dusi et al (2006), o psicopedagogo com uma visão fenomenológica ajudará o sujeito a ampliar sua consciência, auxiliando o sujeito a redescobrir seu próprio ser, habilidades e potencialidades.

### 3. MÉTODO

#### 3.1 Delineamento

O presente estudo pauta-se em um delineamento transversal, de natureza *ex post facto* e compreende uma pesquisa de campo com metodologia qualitativa.

#### 3.2 Participantes

Participaram do estudo três irmãs vítimas de abuso sexual, com idades de 5, 9 e 15 anos. As participantes residem em uma instituição de acolhimento denominada *Comunidade Talita* que fica na cidade de Guarabira (PB). A escolha da amostra se deu de forma não probabilística, sendo selecionados os participantes que se enquadravam nos critérios de seleção, a saber: todas as participantes tinham que ser irmãs, ter vivenciado a violência sexual intrafamiliar e serem crianças ou adolescentes.

#### 3.3 Instrumento

Neste estudo foram utilizados três instrumentos: uma ficha de registro institucional, uma entrevista com roteiro semiestruturado e um questionário sociodemográfico. A ficha foi preenchida a partir da consulta aos documentos da instituição (registros das crianças), a entrevista e os questionários foram respondidas pelos sujeitos da pesquisa.

*Ficha de registro institucional.* Composta por onze itens: história da família (configuração familiar, local de moradia antes da vinda para a instituição, profissão dos pais/padrasto), escola frequentada atualmente pela criança/adolescente, o tempo que estuda nesta escola, se realiza alguma atividade extra-classe, idade da criança na ocorrência do fato, o agressor e sua proximidade com a vítima e o tempo de permanência na instituição (*Apêndice A*).

*Entrevista dirigidas as crianças e adolescentes.* Composta por 22 questões semiestruturadas, acerca dos seguintes temas: I. Família (*Questão 1. Como era esta família?; Questão 2. Quantas pessoas tinham nesse ambiente?*); II. Abrigo (*Questão 6. Como esta criança se sentiu ao chegar nesta nova casa?*); III. Escola (*Questão 9. Como você se sente na escola?*); IV. Fatos da vida relacionados ao tempo (*Questão 16. Quais foram as coisas que lhe deixaram feliz?; Questão 18. O que ela pensa neste momento da sua*

vida?; Questão 19. *Quais foram os pedidos dela?*); V. Segredo (20. Qual era o segredo?) (*Apêndice B*).

Questionário *sociodemográfico*. Composto por perguntas que tinham o objetivo de caracterizar o perfil sociodemográfico das participantes. As questões foram requeridas ao final do questionário e abordava acerca da idade, sexo, escolaridade, o tipo de escola que estuda/estudou (particular ou pública) (*Apêndice C*).

### 3.4 Procedimento

A princípio foi realizado o contato com o Juiz de Direito da Vara Privativa da Infância e da Juventude da Comarca de Guarabira no qual foi informado o objetivo da pesquisa, nesse contato foi solicitado o consentimento para a aplicação dos instrumentos através da Carta de Anuência (*Anexo A*). Em seguida, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba. Após a aprovação, foi solicitada a administração da instituição a autorização para consultar os documentos onde tinham os registros da história das participantes. Depois, foram agendadas as entrevistas com as crianças/adolescente. Por questão de disponibilidade no momento da entrevista, foi executada primeiro com a criança de cinco anos, depois com a de nove anos e, por fim, a adolescente de 15 anos. As crianças/adolescente demoram cerca de 20 minutos para responder as questões. Ao final foram feitos os agradecimentos aos participantes.

### 3.5 Análise de dados

De acordo com os objetivos propostos no presente estudo e subsidiados pela Teoria da Fenomenologia, para a tabulação e análise dos dados, optou-se pela utilização do procedimento da Análise de Conteúdo Temático desenvolvido por Bardin (2010).

Os procedimentos adotados pela análise de conteúdo são mediados a partir das Etapas Operacionais da Análise de Conteúdo: (1) *Constituição do corpus* formado por meio de todo o material utilizado no processamento da análise (Ficha de registro institucional e Entrevista dirigidas as crianças ); (2) *Leitura flutuante*, ou seja, uma leitura superficial, com o objetivo de familiariza-se com o material apreendido;(3) *Codificação/decomposição* realizado a partir da segmentação e agrupamento do *corpus*; (4) *Composição das subcategorias* que consiste na construção das unidades

temáticas e (5) *Inferência das categorias*, a qual teve o objetivo de fornecer a composição das categorias (COUTINHO et al., 2011; SARAIVA, 2007).

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Resultados das fichas de registro institucional

Consultando os documentos da instituição, pode-se identificar por meio das fichas de registros informações sobre a história familiar e individual das participantes, como pode ser visto a seguir:

#### *História familiar*

A família das meninas era constituída pelo casal (mãe e padrasto) e filhas, todos residiam na cidade de João Pessoa/PB. A mãe era diarista e o padrasto era autônomo. A mesma pertencia a uma classe social baixa. As participantes eram irmãs por parte de mãe e cada uma delas tinha um pai diferente. A mãe trocava de companheiro com muita frequência.

#### *História individual*

*S<sup>1</sup>, cinco (5) anos*, entrou na escola esse ano de 2013 e está cursando o 1º ano da educação infantil. Fora do ambiente escolar, faz reforço e pratica esporte na instituição que está inserida. O abuso sexual aconteceu quando tinha dois anos de idade, o agressor foi o padrasto. Faz um ano que mora na comunidade. Antes de vir morar na instituição, a participante morava com a mãe, as irmãs e o padrasto (agressor).

*S<sup>2</sup>, nove (9) anos*, adentrou na escola há três anos e estuda no 4º ano do ensino fundamental. Quando não está na escola costuma fazer reforço e praticar esporte na Comunidade Talita. Em relação ao abuso sexual, o mesmo aconteceu quando tinha 6 anos de idade e o agressor foi o padrasto. *S<sup>2</sup>* mora na Comunidade há três anos, antes morava com a mãe, o padrasto (agressor) e os irmãos.

*S<sup>3</sup>, 15 anos* está cursando o 6º ano do ensino fundamental, há apenas um ano que está nessa escola. *S<sup>3</sup>* é a primeira filha dessa família, antes de morar em João Pessoa/PB, morava no Rio de Janeiro/RJ com a mãe e outro padrasto. Os casos de abuso na vida de *S<sup>3</sup>* começaram no ano de 2009 quando morava no Rio de Janeiro, o agressor foi o padrasto, nesse caso não foi feita a denúncia. No ano de 2010, a mãe retorna com as meninas para a Paraíba, a mesma se relaciona com outro companheiro e nesse mesmo ano *S<sup>3</sup>* é abusada novamente pelo segundo padrasto, o mesmo que abusou das duas

irmãs ( $S^1$  e  $S^2$ ). Após denúncia desse caso pelos vizinhos, a menina foi retirada da família pela justiça e encaminhada para a comunidade Talita.

Faz-se oportuno ressaltar que, em muitos casos, o abuso sexual é praticado por alguém da família, que se utiliza da relação de confiança para realizar o ato com a criança (SCHEINER, 2008). Geralmente, os casos ocorrem em famílias em que seus membros são distantes afetivamente, diferentes do que se espera de uma família tida como ideal. As crianças e adolescentes que são vítimas de abuso sexual acabam vivendo em um ambiente onde seus pais são violentos e autoritários (MARTINS; JORGE, 2010).

Como pode ser visto nos dados apresentados, o abuso sexual ocorrido com as participantes foi praticado pelo padrasto, pessoa de total confiança da mãe e das crianças. O pior é que a mãe, membro mais próximo dos filhos e responsável para cuidar, proteger e amar as crianças, omitiu o fato as autoridades, sendo comparsa da violência. Como visto, após denúncia dos vizinhos, a justiça, através do Exa. Juiz, decidiu encaminhar as crianças e a adolescente a instituição para as crianças, que tiveram seus direitos violados, tentar reconstruir sua vida, sua história.

#### ***4.2 Resultados das Entrevistas***

Os resultados das entrevistas com as participantes serão apresentados de acordo com as seguintes categorias: **(I) família (II) abrigo (III) escola (IV) presente; passado; futuro (V) Segredo.**

##### ***I – Família***

Visando identificar o significado das crianças/adolescente vítimas de abuso sexual acerca da família, verificou-se que as participantes mostraram compreender a família como um contexto em que seus membros são entristecidos.

*Uma criança vivia em uma família. Como era esta família? Quantas pessoas tinham lá? Como ela se sentia? Uma pessoa a deixou muito triste. Quem foi? Por que?*

A primeira participante ( $S^1$ , 5 anos) apresentou uma família com três membros, dentre os quais estavam o avô, o irmão, as filhinhas e a mãe. Essa família era triste, sentiam dor, alguns membros estavam doentes e tiveram que ir ao médico. No caso da criança do estudo, chegou a deixar a família. Como pode ser visto a seguir:

*“Ela respondeu que essa criança fazia comida para a mãe, para os avôs que tava com muita fome. Moravam nessa casa três pessoas que era o avô, o irmão, as filhinhas e as mães e os pais. Essa família era triste por que sentiam dor (...) na barriga, no pé e na perna (...). Os pessoais, o avô e os que tá doente (sentiam dor). O avô teve que ir para o médico, a mãe não, o pai. A criança teve que sair da família porque tinha que fazer comida para a mãe, os irmãos” (S<sup>1</sup>, 5 anos).*

A segunda participante (S<sup>2</sup>, 9 anos), expôs em seus relatos uma família composta por quatro pessoas. Apesar de a criança afirmar que se sente bem no ambiente familiar, a mesma expõe que era maltratada. A participante ainda fala que um homem entrou em sua casa e roubou as suas coisas, deixando-a muito triste.

*“Essa criança era maltratada. Moravam quatro pessoas nessa casa. Ela se sentia bem nesse lar. Foi o homem que entrou na casa dela. Que roubou as coisas dela. Ela se sentiu triste” (S<sup>2</sup>, 9 anos).*

A terceira participante é (S<sup>3</sup>, 15 anos) apresentou uma família com cinco membros (pai, mãe e filhos). Essa família era pobre e a criança se sentia triste porque o pai abusava dela.

*“A família era pobre. Moravam cinco pessoas. Pai, mãe e filhos. Ela se sentia triste e a família tinha sentimentos diferentes. O pai deixou ela triste, pois abusava dela” (S<sup>3</sup>, 15 anos).*

No geral, percebe-se que as participantes compreendem a família como um ambiente onde seus membros (crianças e adolescentes) são maltratados, tristes e doentes. A partir dos discursos, pode-se entender que há uma associação entre o fenômeno do abuso sexual e as lembranças de dor, as quais interrompem suas vidas e, muitas das vezes, destroem seus sonhos.

Nesse sentido, quando as crianças e adolescentes sofrem agressão sexual dentro do próprio sistema familiar tendem a apresentar sentimento de solidão, agressividade e culpa como foi relatado pelas participantes desse estudo. Isto posto, Habigzang et al (2005), alegam que os sentimentos das vítimas em relação ao agressor são comuns em caso de abuso sexual intrafamiliar, na medida em que, a relação de confiança entre o sujeito e a família é rompida.

Diante desses relatos, percebe-se que as famílias inseridas nessa realidade não exercem o papel de proteger, cuidar e educar a criança, os quais estão assegurados pela Constituição Federativa do Brasil (1988), ao contrário, deixam-na vulnerável a situações de risco, prejudicando seu desenvolvimento biopsicossocial.

Quanto a isso, Pelisoli, Teodoro, Dell'aglio (2007) descrevem que são os pais que propiciam o desenvolvimento psíquico e a aprendizagem da interação social, a partir da transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais. Nessa perspectiva, a família ocupa um lugar preponderante no processo de construção de valores e princípios, pois é o primeiro sistema social que a criança está inserida.

## **II- Abrigo**

Tendo em vista conhecer a percepção das crianças/adolescente vítima de abuso sexual em relação à vida na instituição em que estão inseridas, averiguou-se que as participantes percebem como um ambiente agradável, prazeroso e que lhes proporcionam satisfação.

*Uma criança/menina foi obrigada a deixar sua família e a ir morar em outro lugar. Neste novo lar, moravam outras crianças que também haviam deixado suas famílias. Por que a criança teve que deixar a família? Como esta criança se sentiu ao chegar nesta nova casa? Como ela se relaciona com as outras crianças neste novo lar? E o que ela gosta de fazer neste novo lugar?*

Em relação à vida na instituição, (S<sup>1</sup>, 5 anos) afirma que teve que ir para a instituição porque estava doente. Pode-se verificar que, ao ser transferida do seu ambiente familiar para outro lar, a participante se sentiu bem e fez novas amizades, no entanto, nota-se que ao ter deixado seus pais demonstrou sentimentos de tristeza:

*“A criança teve que sair da casa por que tinha muita gente doente e a criança teve que ir ao médico, pois tava muito doente. Quando chegou ao novo lar ela se sentiu bem. Ao deixar papai e mamãe ela se muito sentiu triste.” (S<sup>1</sup>, 5 anos).*

*“As amigas estão tudo bem. Nesse novo lar ela gosta de brincar com as amiguinhas de brinquedo” (S<sup>1</sup>, 5 anos).*

S<sup>2</sup> (9 anos) relata que teve que deixar a sua família porque um ladrão entrou em sua casa. Ao chegar à instituição, achou o ambiente bonito, se sentiu apoiada e com bom relacionamento com as outras crianças. Acrescentou que gostava de brincar de ser tenente (patente de militar).

*“(a menina teve que deixar sua família) Por causa que o ladrão entrou na casa dela. (Chegando na nova casa) Ela se sentiu bem, achou a casa bonita e as pessoas legais(...) gostava de brincar de ser tenente. Porque um dia quando ela crescer vai ser tenente” (S<sup>2</sup>, 9 anos).*

S<sup>3</sup> (15 anos) deixou a família porque o pai abusava dela. Neste novo lar (abrigo) sentia-se bem e satisfeita com as novas amigas. A atividade que mais gostava de fazer na instituição era jogar vôlei:

*“(a menina teve que deixar sua família) Porque o pai abusava dela. Na nova casa, ela se sentia bem e ficou feliz porque encontrou várias amigas. Gosta de jogar vôlei” (S<sup>3</sup>, 15 anos).*

As participantes percebem a instituição como um lugar onde se sentem bem e feliz. É que muita das vezes dentro do sistema familiar acontece diversas situações de violência e o abrigo acaba sendo a melhor opção para os infante-juvenis (DELL'AGLIO, 2007). Embora as crianças/adolescente afirmem gostar da instituição e saberem porque estão ali, deixam claro em seus relatos o desejo de retornar para casa.

As participantes sentem saudades de está com a família, sentimento existente em virtude da falta que esse ambiente causa. Sabe-se que as crianças e adolescentes institucionalizadas, acabam sendo privadas de ter uma família (ALEXANDRE E VIEIRA, 2004). Esses autores afirmam que não é possível as crianças relacionarem como família dentro do abrigo, pois há uma proporção grande de sujeitos em relação aos adultos. Assim o carinho e afeto dos funcionários ficam divididos entre as crianças.

Em alguns relatos das participantes, percebe-se que o trauma do abuso sexual está bem presente na vida das participantes e que, mesmo morando em outro ambiente longe do agressor, não esquecem a experiência traumática. Desta forma, nota-se que, mesmo diante das inúmeras tentativas legislativas (ECA, 2011), de amparo à criança e o adolescente a realidade apresentada é bem diferente, pois em muitos casos deixam algumas lacunas (ALEXANDRE E VIEIRA, 2004).

Diante dessa realidade, compreende-se que a instituição como um ambiente de grande importância para os infanto-juvenis, configurando como um espaço em que seus membros já trazem um histórico de vida sobre os aspectos que envolvem a sua família. Em alguns casos, a relação com as crianças da instituição acaba contribuindo com o processo de socialização e ajuda a minimizar as angústias e sofrimentos apresentados pelas participantes.

### **III- Escola**

As participantes percebem o fenômeno escolar como um lugar em que gostam de ir, pois nesse espaço conseguem desenvolver suas habilidades e adquirir novos conhecimentos. No que se refere ao relacionamento das meninas com as colegas de sala, costumam brincar e realizar atividades juntas. Quanto ao relacionamento com os professores, as participantes percebem a educadora como alguém especial, no entanto, às vezes, demonstram sentimentos de tristeza porque se percebem excluídas dos grupos sociais de amigos. Quando não estão na escola, realizam atividades na instituição, a exemplo da prática de esporte, pinturas, entre outros. Em relação às tarefas escolares, os sujeitos expressam satisfação em realizá-las.

*Uma criança/menina vai todos os dias para a escola. Como ela se sente na escola? Ela tem se relaciona com as outras crianças? Como é o relacionamento dela com a professora? O que ela gosta de fazer quando está na escola?*

*Na escola, a criança/menina tinha que fazer algumas tarefas escolares. Como ela se sente nesta hora? Por que? Ela tem dificuldade em alguma tarefa? Qual? Qual é a atividade que ela gosta de fazer?*

A primeira participante menciona a escola como um lugar que gosta de frequentar, pois realiza atividades com seus colegas de turma, além de ter um relacionamento positivo com a professora. Apesar disso, apresenta algumas dificuldades de aprendizagem como ler e desenhar. Fora do contexto escolar também realiza atividades recreativa com suas amigas:

*“A criança se sente bem e gosta de ir a escola. Com os colegas ela brinca só na hora do recreio. Com a professora ela se sente bem e gosta de brincar. E quando não está na escola ela gosta de fazer material para brincar” (S<sup>1</sup>, 5 anos).*

A segunda entrevistada (S<sup>2</sup>, 9 anos), percebe a escola como um lugar agradável. Com as colegas têm um bom relacionamento. Quando realizar as atividades escolares sente-se satisfeita. A atividade que mais gosta de fazer é escrever sobre sua vida e quando não está na escola gosta de brincar:

*“Ela se sente bem e aprende o que deve aprender. (Na escola) Ela brinca, faz tarefa e fica quieta. Com a professora, ela não grita, ela respeita os mais velhos. Quando não tá na escola gosta de brincar de pega e esconde” (S<sup>2</sup>, 9 anos).*

*“Sentia-se bem. Sua maior dificuldade era aprender a ler e gostava muito de escrever sobre sua vida. Essa criança gostaria de ir para a casa dela onde estava a família” (S<sup>2</sup>, 9 anos).*

S<sup>3</sup> (15 anos) apreende a escola como um ambiente que remete sensações adversas: satisfação e tristeza. No que se refere ao relacionamento com as colegas da escola, tem momentos que se sente feliz na companhia das amigas, mas tem situações que a deixam triste. Com a professora ela tem um bom relacionamento. A participante demonstrou gostar de realizar as atividades escolares. Também percebeu que apresenta dificuldade em uma disciplina. Quando não está na escola gosta de assistir filmes.

*“Se sentia mais ou menos na escola, porque na parte da aula ela gostava, mas quando chegava o intervalo não tinha ninguém para conversar. Ela não se relaciona bem com as colegas na escola, porque a maioria das crianças não chega perto dela (S<sup>3</sup>, 15 anos).*

*Com a professora, o relacionamento é bom. Quando não está na escola, gosta de assistir filme” (S<sup>3</sup>, 15 anos).*

*“Se sente bem e feliz. Por que tá vendo que vai aprender alguma coisa. Tem dificuldade em Geografia. Ela gosta de matemática e português” (S<sup>2</sup>, 15 anos).*

A partir dos relatos, pode-se compreender que as participantes percebem o fenômeno escolar como um ambiente que transmite satisfação, pois é um lugar onde se sentem bem, que gostam de frequentar e aprendem sobre diversos assuntos. Nesse

contexto, as crianças/adolescente entendem que a escola é um lugar que propicia mudanças nas suas vidas.

Para Marmitt e Lopez (2003) é importante que a escola transmita essa mudança, tendo em vista, que é no ambiente escolar que se dá o início do processo de aprendizagem. Para propiciar essa mudança a escola precisa tomar conhecimento sobre o fenômeno do abuso, pois é importante que os educadores abordem essa temática na instituição principalmente com os alunos como forma de prevenção de novas agressões.

Dessa forma, o ambiente escolar deve representar para as crianças e adolescente uma alternativa de apoio, proteção e prevenção de situações de perigo já que não têm o apoio familiar (INOUE; RISTUM, 2008). É dever de a escola garantir os direitos da criança e do adolescente e ajudar a prevenir casos de abuso sexual.

Em relação ao significado atribuído pelas participantes às amizades na escola, percebe-se que em alguns momentos as crianças/adolescente sentem-se satisfeitas. Tal satisfação pode está associada à experiência vivenciada pelas meninas, pois a escola e as amizades acabam sendo como um refúgio do abuso sexual (MELLIR, 2011).

Todavia, em algumas ocasiões, as participantes percebem sofrer preconceito na escola, resultados que corroboram com os estudos de Bezerra (2006). Esse autor afirma que, no contexto escolar, a criança vítima de abuso sexual é excluída por diversos motivos (moram em instituição, foram vítimas de abuso sexual dentre outros) o que compromete a aprendizagem.

Sabe-se que as crianças/ adolescente vítimas de abuso sexual podem apresentar dificuldades de aprendizagem. Conforme Habigzang et al (2006), crianças vitimizadas tendem a apresentar alterações cognitivas, tais como: dificuldades com a atenção e concentração, dissociação e baixo rendimento escolar. De modo semelhante, Miller (2011), afirma que algumas crianças e adolescente vítimas de abuso sexual podem apresentar problemas em armazenar, se concentrar e absorverem informações, tais problemas acabam interferindo no processo de construção do conhecimento. Tais aspectos podem ser evidenciado no relato das participantes *S<sup>2</sup> (9 anos)* e *S<sup>3</sup> (15 anos)*.

No entanto, para a fenomenologia o indivíduo para aprender precisa estar com vontade de crescer e saber sobre suas ausências, suas lacunas; é preciso descobrir algo novo em si (SILVA, 2004). Nesse sentido, sabe-se que todas as crianças/adolescente

têm capacidade para aprender e desenvolver novas habilidades, mas é preciso que seja trabalhada as suas dificuldades emocionais que podem está interferindo nesse processo.

A partir das discussões supracitadas, percebe o quanto a escola é importante na vida daqueles que passaram por momentos de decepção, agonia, temor, falta de esperança e discriminação. Dessa forma, entende-se que os educadores são extramente importantes na formação no individuo e a escola é o local privilegiado dessa formação.

Frente a essa realidade, as participantes percebem a professora como uma pessoa que transmite confiança, satisfação e alegria. Nesse sentido, nota-se que os sujeitos compreendem a professora como uma pessoa que constrói um clima facilitador para o processo de aprendizagem, transmitindo alegria e respeito.

Dessa forma, observa-se que a professora se coloca na perspectiva de quem aprende e, para Marmitt e Lopez (2003), a aprendizagem é um processo evolutivo, que depende muito da relação com a tarefa e com o professor, pois o desenvolvimento da aprendizagem se dá também através do educador e da escola.

A partir das narrativas, observa-se que a professora é uma profissional que favorece a construção do conhecimento através de suas atitudes em sala de aula. Para tanto, a escola e o professor devem restabelecer seu dever de agenciadoras do saber e do conhecimento (INOUE; RISTUM, 2008).

Diante desses relatos, percebe-se que as participantes compreendem o fenômeno escolar como um ambiente que propicia mudanças em suas vivências e que pode contribuir para uma qualidade de vida melhor. Isso se torna possível a partir dos significados que as participantes atribuem as experiências vivenciadas não só na escola, mas no meio social que estão inseridas.

#### **IV- Fatos da vida relacionadas ao tempo**

Neste tópico, busca-se analisar a percepção que a criança/adolescente vítimas de abuso sexual tem sobre o passado, o presente e o futuro de suas vidas. Com relação ao passado, pode-se perceber que as participantes demonstram ter uma percepção positiva, especialmente, no que diz respeito às brincadeiras com as amigas, mas também uma

negativa, quando expressam sentimentos de tristeza em relação às agressões sofridas tanto por parte do agressor como pelas pessoas que faziam parte de sua vida social.

*Um dia uma criança/menina ficou deitada em sua cama pensando na vida. Aí ela começou a pensar nas coisas que já tinham acontecido no passado e lembrou-se de alguns acontecimentos que tinham lhe deixado feliz e triste. Quais foram as coisas que lhe deixaram feliz? Quais foram as coisas que lhe deixaram triste?*

*Uma criança/menina está vivendo em um lugar com outras meninas. Neste lugar, ela dorme, se alimenta, brinca e faz atividades. O que ela pensa neste momento da sua vida?*

*Outro dia ela pensou no seu futuro, então, imaginou que encontra uma lâmpada mágica. Ela esfregou a lâmpada mágica e de lá saiu um gênio. Neste momento, o gênio disse que ela teria direito a fazer três pedidos. Quais foram os pedidos dela?*

Com relação ao presente, pensam na vida dentro da comunidade que estão inseridas como uma âncora para um futuro melhor. Neste caso, percebem o futuro como um momento vindouro em que terão brinquedos, irão retornar a família, irão estudar para serem tenente e juíza.

Em relação à percepção da primeira participante (S<sup>1</sup>, 5 anos) sobre o passado de sua vida, observou-se que a mesma não gostava de falar da sua vida. A mesma expressou que se sentia feliz em poder brincar com as amigas. Alguns acontecimentos a deixou triste. No que se refere ao seu futuro, pensava em ter brinquedos.

*“Não gostava de pensar na vida, gostava de brincar com os brinquedos que estava na sala”.*

*“O que deixou ela feliz era brincar com as amiguinhas do colégio. O que a deixou triste foi as amigas que bateu nela”.*

*“A participante começa a falar bem baixinho: Estou ouvindo um barulho é o carro preto que pega criança. Ele arranca os olhos”.*

*“O primeiro pedido foi: uma criança, o segundo: um porquinho de brincar. O terceiro: água para beber pois tava com muita fome”.*

A segunda participante (S<sup>2</sup>, 9 anos) sentia saudades de quando morava com a família e, com os parentes, era muito feliz. Mas um homem entrou em sua casa roubando os seus pertences e deixando-a muito triste. Em relação à vida presente

pensava na comunidade que estava inserida. No futuro, gostaria de voltar para a sua família, brincar com as amigas e estudar para ser tenente.

*“Que ela vivia com a família dela com o pai, a mãe e as irmãs e os irmãos. O que a deixou triste foi o ladrão que entrou em sua casa e tirou os seus pertences”*.

*“Na Talita o abrigo que ela está”*.

*“Voltar para a família dela, brincar com as amigas e estudar e ser tenente”*.

Nos relatos de S<sup>3</sup> (15 anos), observou-se que ficava feliz quando as crianças chegavam perto dela, e o que a deixava triste é que ainda tinha pessoas que não a amava. Em relação a sua vida presente afirmou que queria um destino melhor. Já os fatos relacionados à sua vida futura deseja um futuro melhor.

*“Ela ficava feliz quando as crianças chegavam perto dela para conversar com ela. E triste é que tinha gente que ainda não amava ela”*.

*“Que ela quer um futuro melhor”*.

*“O primeiro é que ela queria ser juíza, o segundo queria ser esforçada e o terceiro estudar”*.

As participantes afirmaram que acontecimentos do passado a deixaram tristes, tais como: as brigas com as amigas que a bateram, um ladrão (homem) que entrou em casa levando os pertences e as pessoas que não as amavam. Nesse sentido, nota-se que o sentimento de tristeza está bem presente em suas falas, podendo estar associado à violência sofrida pelas crianças/adolescente que acarretam diversos efeitos, incluindo consequências físicas, cognitivas, emocionais e sociais (ASPINI; SEQUEIRA; SAVEGNAGO, 2012; FREITAS, 2010).

Ademais, as participantes relataram o desejo de retornar a família. Nesse sentido, Borges e Dell’ Aglio (2008) afirmam que mesmo quando o caso do abuso sexual ocorre dentro no âmbito familiar algumas crianças preferem continuar com a família porque sentem medo de ir morar um ambiente desconhecido.

As participantes também expressaram o desejo de brincar e conversar com as colegas, isto mostra o desejo de interagir com as pessoas, próprio de indivíduos que já ultrapassaram a barreira da dor e estão tentando reconstruir a vida. O meio encontrado

pelas crianças e adolescente foi a brincadeira, pois já que essa é um agente socializador, torna-se mais fácil estabelecer às amizades (FREITAS, 2010). Quando as crianças/adolescentes demonstraram esse desejo de fazer parte de um grupo é porque se sentem inseridas em um contexto e têm a impressão de não estarem sozinhas, mas com alguém com quem contar (MONTES, 2006).

Acerca da vida presente, as meninas ancoraram suas representações na Comunidade, local em que se encontravam. Isso pode está associado à busca por um futuro melhor, já que nesta instituição encontraram cuidadores que lhes protegem e educam, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

A perspectiva das crianças/adolescente com relação ao futuro foi a de mudar de vida. Elas sabem que é através do esforço e do estudo de cada uma que irão conseguir essa mudança. As participantes maiores demonstraram o desejo de ser tenente e outra juíza, talvez porque entendam as situações injustas pelas quais passaram e tenham o anseio de agir com justiça e quem sabe, proteger outras crianças em circunstâncias semelhantes e julgar os agressores de forma mais severa (FREITAS, 2010).

## **V- Segredo**

Visando entender e conhecer o significado do segredo nas narrativas das crianças/adolescente vitima de abuso sexual, percebe-se nos relatos das participantes que o segredo para cada uma delas tem significados distintos, anconrando a representação no medo, na esperança e em mudanças.

*Uma mãe/tia/avó/amiga chegou em casa e a criança diz para a mãe: “Mãe, aconteceu algo comigo e preciso lhe contar, mas peço para que não conte nada para ninguém, pois é segredo”. Qual era o segredo?*

*Uma criança acorda pela manhã muito triste e diz para sua mãe/amiga/avó: “Ai que sonho ruim eu tive!”. Com que ela sonhou?*

Para S<sup>I</sup> (5 anos), o segredo que contaria a sua mãe seria que um bicho (homem), que gostava da dela (mãe) queria esfregar a lâmpada nela (criança). A participante relatou que sonhou com a *Comade Fulozinha*, figura lendária.

*“O bicho pegou na lâmpada dela, [...] Ele disse: que gostava muito da mãe dela (...) e arrancou os olhos dela (...)”.*

*“(a criança sonhou com) a comade fulozinha. [...] (disse que tinha) medo; (e relatou para a mãe que (...) tinha uma comade fulozinha ontem no meu quarto. E a comade Fulozinha disse para a criança: eu não vou fazer nada”. (Ainda acrescentou que a comade fulozinha) “fez comida para a mamãe, mas com a criança ela arrancou os olhos e ela ficou cega. Depois, colocou outros olhos”.*

Já (S<sup>2</sup>, 9 anos), entende o segredo como algo que pode propiciar mudanças. Disse ter sonhado com um ladrão que entrou em sua casa roubando os seus pertences.

*“Que ela encontrou e esfregou a lâmpada mágica e saiu um Aladim”.*

*“(a participante sonhou)Que o ladrão entrou na sua casa e roubou suas as coisas: sapato para filha dele e as suas roupas. Ele não fez nada com a criança por que ela ficou quietinha, pois ele estava armado”.*

Para S<sup>3</sup>(15 anos), o segredo que contaria para mãe era que estava apaixonada. Afirmou que sonhou com problemas que aconteciam em sua família.

*“Que estava apaixonada. Por um menino”.*

*“(a participante sonhou) que alguém matava a família”.*

Compreende-se que o segredo dentro do sistema familiar pode ter vários significados e que, muita das vezes, o ambiente familiar está repleto de segredos, incluindo áreas íntimas e profundas da vida de seus membros como: o nascimento, adoção, infertilidade, incesto, religião, abuso sexual dentre outros (BLACK, 1994).

As participantes deixam claro que algo de muito ruim aconteceu dentro desse sistema e que a revelação desse segredo acarretou algumas mudanças no ambiente familiar. Quando as participantes relatam que contaria para mãe esse segredo, percebe-se que havia uma lealdade por parte das meninas para com a família. Nesse sentido Black (1994), explica que quando é solicitado para a crianças/adolescentes manter o segredo a mesma entende que apenas mantendo-o é que ela vai poder cultivar lealdade.

Os segredos compreendidos pelas participantes estão associados a comportamentos de agressividade, sofridos dentro do ambiente familiar. Portanto, quando o sujeito não consegue revelar o segredo, em razão disso, seus pensamentos são confusos e conseqüentemente internalizam sentimentos de angústia e dor psíquica (MILLER, 2002).

Para Emiliano (2011), o segredo em muitos casos tem o papel de manter um equilíbrio e proteger a família do julgamento de seu meio social. Dessa forma, as participantes expressam sentimento de esperança, principalmente de retornar ao ambiente familiar. Miller (2002) afirma que mesmo que a criança e adolescente sejam vítimas da violência intrafamiliar, elas não se referem ao ambiente familiar de forma negativa, às mesmas almejam voltar para casa.

Comumente, a criança/adolescente que foram vítimas de abuso sexual são obrigadas a guardar tudo em segredo, principalmente quando esse agressor é alguém da família. Nos relatos das participantes, pode-se verificar que experiência traumática do abuso está bem presente em seus relatos, pois no que se referem aos sonhos referidos pelas meninas pode-se perceber que ainda lembram da figura do agressor se referindo a eles como uma *Comade Fulozinha* e um ladrão.

A partir das discussões supracitas, pode-se perceber que ao se referirem a *Comade Fulozinha* referem-se ao agressor. Santiago (2008) relata que:

A Comadre Fulozinha, figura lendária na cultura popular paraibana, considerada uma velha cabocla que toma conta das matas, controlando as caçadas (SANTIAGO, 2008, P. 11).

A *Comade Fulozinha* é uma cabocla que têm os cabelos enormes e é muito bonita, ela costuma assobiar e é muito brava (SANTIAGO, 2008). Essa figura lendária é bastante conhecida no interior da Paraíba e, em muitos casos, os adultos amedrontam as crianças utilizando essa figura. Nos relatos das participantes, pode-se identificar que a *Comade Fulozinha* é vista como uma pessoa agressiva que fez muito mal as crianças chegando ao ponto de arrancar seus olhos.

A partir das informações anteriores, compreende-se que a figura da *Comade Fulozinha* está associada à figura do agressor, pois talvez o ele utilizasse essa figura lendária para amedrontar as suas vítimas e praticar a agressão. Corroborando com esse estudo, Serafim et al (2009) afirmam que é bastante comum os agressores utilizarem de

ameaças e intimidações para manter as suas vítimas sempre com medo, mantendo-a sobre seu domínio.

As crianças/adolescentes também se referiram ao agressor como um ladrão que entrou em seu lar, levou todos os seus pertences e matou a sua família. Dessa forma, nota-se o quanto as meninas ainda lembram-se da experiência traumática, mostrando que a violência sexual é um acontecimento difícil de ser esquecido por quem o vivenciou. Para Capitão e Romaro (2008), as consequências do trauma da violência sexual para criança e o adolescente são profundas, pois envolvem uma série de questões, tais como: quebra de valores na família, problemas de ordem emocional que prejudicam o desenvolvimento psicológico das vítimas e a quebra do sistema familiar.

Diante dessa realidade, percebe-se que a quebra do segredo, ou seja, do pacto de silêncio do abuso sexual, é o primeiro passo para o enfrentamento dessa problemática. No entanto ficou claro em alguns estudos (EMILIANO, 2011; MARTINS; JORGE, 2010; NAISSINGER; VASCOCELOS, 2009; BEZERRA, 2006) que revelar o segredo do abuso sexual tem sido um dos maiores desafios para as vítimas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo verificou como os infanto-juvenis compreendem o fenômeno do abuso sexual. Para tanto, foram utilizadas, vários estudos (*e.g.* LIMA; ALBERTO, 2012; MARTINS; JORGE, 2010; NAISSINGER; VASCONCELOS, 2009) a fim de conhecer esse fenômeno que é tão presente em nossa sociedade.

Ficou evidente nos resultados apresentados pelas participantes que esse fenômeno ocasiona inúmeras implicações para o desenvolvimento das vítimas, especialmente para o seu desenvolvimento psicológico, cognitivo e social (HABIGZANG, 2006; BORGES; DELL' AGLIO, 2008). Também, se observou que as participantes sofrem com as consequências do abuso sexual, principalmente, por terem sido retiradas do ambiente familiar e pelo preconceito que ainda sofrem na escola. Entretanto, as participantes não retrocedem frente aos desafios encontrados na escola, pelo contrário, percebem essa instituição como um ambiente agradável que lhes propiciam mudanças de vida. Para as crianças vítimas de abuso sexual, o aprender têm um significado importante em suas vidas, pois é através dele que há perspectiva de um futuro melhor. O aprender tem esse papel de reconfigurar e reorganizar as experiências vivenciadas pelo indivíduo.

Ademais, ainda se observou que a amizade é importante para o bem estar afetivo e social das participantes. A amizade para as crianças institucionalizadas é tão importante quanto à família (FREITAS, 2010). Pois os amigos acabam criando uma rede de apoio social, especialmente para pessoas que são punidas duplamente mesmo sendo vítimas, pois ao mesmo tempo em que sofrem com o fato da violência sexual ainda tem que suportar a separação da família.

Este estudo permitiu conhecer e compreender melhor o fenômeno do abuso sexual vivenciado por crianças e adolescentes. Foi possível entender o que se passa na vida dessas meninas e perceber como elas entendem esse fenômeno e como conseguem dar continuidade a suas vidas depois da experiência vivenciada.

Para a psicopedagogia este estudo mostra o quanto é importante o psicopedagogo conhecer sobre as consequências causadas pelo abuso sexual, pois ficou evidente que diversos fatores envolvidos no abuso sexual acarretam prejuízos significativos para o desenvolvimento cognitivo das vitimas. Dessa forma, o psicopedagogo juntamente com a escola e a família precisam estar unidos para

trabalharem com essas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças e adolescentes.

Algumas limitações foram encontradas nesse estudo, que não o invalidam, mas servem de reflexão para entender os resultados e seu poder de generalização. Uma das restrições do estudo diz respeito ao número reduzido de participantes, o qual se deu em virtude da dificuldade de acesso aos casos identificados, já que se trata de indivíduos que, na sua grande maioria, são menores de idade e estarem sob a custódia da justiça.

Outra limitação a ser apontada refere-se ao tipo de instrumento utilizado, pois como o assunto a ser abordado não é agradável, deve-se ter o cuidado para não “abrir feridas” e causar maiores transtornos às vítimas. Então, foram utilizadas pequenas histórias para tentar emergir representações do fato vivenciado que, embora tenha sido bastante útil, o instrumento não é validado.

Os profissionais (psicólogos, psicopedagogos, professores, diretores, dentre outros) precisam tomar conhecimento acerca do abuso sexual principalmente no que se refere às consequências (físicas, psicológicas, cognitivas e sociais) que afetam o processo de desenvolvimento das vítimas. É importante que esses profissionais funcionem como uma rede de apoio às vítimas através de palestras, oficinas, seminários, na publicação de livretos, revistas e transmitam segurança a esses juvenis e as suas famílias, pois em muitos casos as crianças e adolescentes estão com a confiança abalada e dificilmente vão acreditar que alguém queira ajudá-la.

Os familiares precisam acreditar nas crianças e adolescentes quando estes fazem a denúncia, mesmo que o suposto abusador seja alguém da família. No momento em que for descoberto o abuso, os familiares precisam mostrar a criança ou ao adolescente que a culpa de tal agressão não é deles. É de extrema importância que os familiares procurem ajuda de um médico para fazer os exames necessários e, principalmente, de um psicólogo para ver a dimensão dos traumas ocasionados às vítimas. A partir daí, tentar encaminhar aos demais profissionais conforme a necessidade da criança e do adolescente.

Destarte, contata-se que as autoridades devem estar atentas a realidade das crianças vítimas de abuso sexual, no sentido de buscar meios para prevenir novos casos e trabalhar através de políticas públicas visando promover a saúde física e mental das vítimas.

Portanto diante de casos de abuso sexual toda a sociedade precisa fazer a sua parte na luta contra esse tipo de violência. É preciso que realmente se faça valer o que

está escrito no Estatuto da Criança e do Adolescente, oferecendo as crianças e adolescentes uma vida mais digna no seio de sua família.

## 6 Referências

ABRÁPIA; **Abuso Sexual Mitos e Realidades: Porque? Quem? Como? O que?** Cartilha 3ª ed. Editora: autores e Agentes e Associados, 2009.

ADED, L. D. O; BRUNO, L. G. D. M; MARIA; T. C; TALVANE, M. D. M. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. **Ver. Psiq. Clín.**, v. 33, n. 4, p. 204 – 213, 2006.

AGOSTINO, R. **País tem poucas salas especiais para ouvir crianças vítimas de estupro, 2012.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/05/pais-tem-poucas-salas-criancas-vitimas-de-estupro.html>> . Acesso em: 20 de julho de 2013.

ALMEIDA, A. C. E. P. **Abuso Sexual em Crianças: Crenças Sociais e discurso da Psicologia.** 2003. 134p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) \_ Universidade do Minho, Braga, 2003.

ANDI. **Violência sexual na pauta da imprensa brasileira, 2002.** Disponível em: <<http://www.redeandibrasil.org.br/artigos/violencia-sexual-na-pauta-da-imprensa-brasileira/>>. Acesso em 08 de abril de 2013.

ARAÚJO, L. S. Hermenêutica gestáltica do abuso sexual para uma adolescente. **Cadernos de Terapia Ocupacional.** v.16, n.1, p. 61- 65, 2008.

ARPINE, D. M.; SEQUEIRA, A. C.; SAVEGNAGO, S. D. O. Trauma Psíquico e abuso sexual o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.14, n. 2, p. 88 – 101, 2012.

AZAMBUJA, M. R. F. *et al.* **Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

AZAMBUJA, M. R. F. **Violência Sexual Intrafamiliar: É Possível Proteger a Criança?** Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2004.

AZEVEDO, E. C. **Aprendendo a ouvir uma criança:** Como a escola pode atuar na prevenção a violência. 2001. Disponível em:<<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=401>>. Acesso em: 29 de junho de 2013.

BALLONE, G. J. **Percepção Realidade:** Cognição. 2005. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br>>. Acesso em: 22 de agosto de 2013.

BAYER, M. A. **Psicopedagogia:** Ação e parceria. 2006. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/artigos/19.htm>>. Acesso em: 07 de agosto de 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, ed.70, 2010.

BEZERRA, M. M. de Souza. **Abuso sexual infantil-** crianças X abuso sexual, 2006. Disponível em:<<http://www.psicologia.com.pt>>. Acesso em 20 de março de 2013.

BORGES, J. L.; DELL´AGLIO, D. D. Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (tept) e prejuízos cognitivos. **Psicologia em Estudo**, v.13, n. 2, p. 371 -279, 2008.

BORGES, J. L; DELL´AGLIO, D. D. Abuso Sexual Infantil: Indicadores de Risco e Consequências no Desenvolvimento de Crianças. **R. Interam. Psicol.**, v. 42, n. 3, p. 528 – 536, 2008.

BRANDÃO, D. A; ALVES, R. N. O impacto na vida adulta do abuso na infância. **Revista de Psicologia**, p. 70- 72, 2012.

BRASIL (1988/1994). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Subsecretária de Edições Técnicas, 2006.

BRASIL (2011). **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).** Disponível em:<<http://www.pjpp.sp.gov.br/2004/eca2.php>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.

COGO, K. S. *et al.* Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Unoesc & Ciência**, v.2, n.2, p. 130-139, 2011.

COIMBRA, R. M; SANTOS, L. **A violência sexual contra crianças e adolescentes na perspectiva de profissionais da educação das escolas públicas municipais de presidente prudente**, 2006. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reuniões/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1810--Int.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

COUTINHO, M.P.L. *et al.* **Métodos em Pesquisa em Psicologia Social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. João Pessoa: editora Universitária, p. 466, 2011.

COSTA, L. F. *et al.* Grupo Multifamiliar com adolescentes ofensores sexuais. **Psico**, v.42, n. 4, p. 450- 456, 2011.

CUNHA, R. M. **Brasil possui índice alto de abusos sexuais**, 2013. Disponível em: <<http://journalsportnews.blogspot.com.br/2013/01/brasil-possui-índice-alto-de-abusos.html>. Acesso em: 27 de junho de 2013.

DIAS, P. P; RODRIGUES, S. J. **O sentido do abuso sexual infantil para os cuidadores de instituições do Alto Tietê: Um enfoque Fenomenológico Existencial**. Trabalho de Conclusão de Curso. Mogi das Cruzes, Universidade de Mogi das Cruzes, 77 p, 2008. Disponível em <<http://www.institutoabuchaim.com.br>>. Acessado em 10 de abril de 2013.

DELL'AGLIO, D. D. **O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes**. Tese de doutorado em psicologia – Programa de Pós graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DUSI, M. L. H. M, NEVES, M. M. B. J, ANTONY, S. Abordagem Gestáltica e Psicopedagogia: Um olhar compreensivo para a totalidade criança- escola. **Paidéia**, v. 16, n.34, p. 149- 159, 2006.

EMILIANO, N. **Abuso Sexual e Segredo**, 2011. Disponível em:<<http://pensndoemfamilia.com.br/blog/textos/abuso-sexual-e-segredo/>>. Acesso em 22 de agosto de 2013.

FERREIRA, M. F. **Abusos Sexuais entre pais e filhos**, 2004. Disponível em:<<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=37>>. Acesso em 19 de junho de 2013.

FREITAS, L. N. **Modo de vida de Crianças Institucionalizadas**. 2010. 78p. Monografia em enfermagem – Escola de Enfermagem da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GALEFFI, D. A. O que é isto – A fenomenologia de Husserl? **Adeção**, v. 5, p. 13-36, 2000.

GUIA ESCOLAR. **Métodos da identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Brasília: Secretária Especial de Direitos Humanos e Ministério da Educação, 2004.

HABIGZANG, L. F. *et al.* Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341- 348, 2005.

HABIGZANG, L. F. *et al.* Grupoterapia cognitivo-comportamental para meninas vítimas de abuso sexual: Descrição de um modelo de intervenção. **Psic Clin**, v.18, n.2, p. 163 – 182, 2006.

HABIGZANG, L. F. *et al.* **Intervenção Psicológicas para Crianças e Adolescentes de Violência Sexual**: Manual de Capacitação Profissional. São Paulo/SP: Casa do Psicólogo, 2011.

INOIE, S. R. V.; RISTUM, M. Violência sexual: Caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia**, v.25, n. 1, p. 11- 21, 2008.

JUNG, F. H. **Abuso Sexual na Infância: uma Leitura Fenomenológica** – Existencial através do Psicodiagnóstico Rorschach. 2006. 200 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

LABADESSA, V. M.; ONOFRE, M. A. Abuso Sexual Infantil: Breve Histórico e Perspectiva na Defesa dos Direitos Humanos. **Revista Olhar Científico**, v.1, n.1, p. 4-17, 2010.

LAURENTI, R. B. **Psicopedagogia: um modelo fenomenológico**. São Paulo: Vetor, 2004.

LIMA, J. A.; ALBERTO, M. F. P. Abuso Sexual Intrafamiliar: As mães diante da vitimização das filhas. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 412- 420, 2012.

LIRIO, F. C. **As políticas sociais oficiais de enfrentamento à violência sexual infante juvenil e a escola**. 2006. Disponível em: <<http://www.anapae.org.br/2011>>. Acesso em: 25 de agosto de 2013.

MARTINS, C. B. G; JORGE, M. H. P. M. Abuso Sexual na Infância e Adolescência: Perfil das Vítimas e Agressores em Município do Sul do Brasil. **Texto e contexto Enfermagem**, v.19, n. 2, p.246- 255, 2010.

MELLI, J. C. **As Consequências do Abuso Sexual para o Desempenho Acadêmico da Criança**. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). p.41, 2011.

MEYER, H. F. **Abuso Intrafamiliar: mitos e realidades**, 2007. Instituto Abuchaim, Centro de Estudos Abuchaim - CEA, vinculada à Associação Brasileira de Psiquiatria.

MILLER, D. Incesto: O centro da Escuridão. In: BLACK, E. I. **Os Segredos na Família e na Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. Cap. 10, p. 185- 198.

MONTES, D. C. **O significado da experiência de abrigo e a auto-imagem da criança em idade escolar.** 2006. 76 p. (Tese de Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2006.

NAISSINGER, T.A; VASCONCELOS, S. J. **Abuso sexual intrafamiliar: Perfil e características do abusador observadas em processos jurídicos,** 2008. Disponível em:<[https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/100/Trajano\\_.pdf](https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/100/Trajano_.pdf)>. Acesso em 12 de março de 2013.

OMS. **Ministério da Saúde. Ficha de Notificação de Violência Doméstica, Sexual e outras formas,** 2006. Disponível em:<<https://portal.saude.gov.br/portal/.pdf>>. Acesso em 25 de agosto de 2013.

PEREIRA, A. R. **Intervenção Social em Casos de Abuso Sexual a Menores.** 2006. 60f. Monografia (Assistente Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa, 2006.

PRADO, A. P. L. **Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma responsabilidade de todos,** 2007. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/28034>>. Acesso em 10 de junho de 2013.

RAMIRES, V. R. R; FRONER, J. P; A escuta da criança nas situações de abuso sexual intrafamiliar. *In:* CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas.** São Paulo: Cortez, 2008. cap.11, p. 225- 244.

RODRIGUES, J. A. *et al.* **O novo tipo penal estupro de vulnerável e suas repercussões em nossa sistemática jurídica,** 2009. Disponível em:<<http://jus.com.br/artigos/13908/0-novo-tipo-penal-estupro-de-vulneravel-e-suas-repercussoes-em-nossa-sistematica-juridica-2#ixzz2a1L6sI9Q>>. Acesso em: 15 de julho de 2013.

ROMARO, R. A; CLAÚDIO, G. C. Caracterização do Abuso Sexual em Crianças e adolescentes. **Pepsic,** v. 13, p. 1 – 12, 2008.

SAMPAIO, S. **Um pouco da história da psicopedagogia**, 2005. Disponível em:<<http://www.psicopedagogia.com.br/opiniaio/opiniaio.asp?entrID=422>>. Acesso em: 20 de julho de 2013.

SANTIAGO, I. M. F. L. A Jurema Sagrada da Paraíba. **Revista Eletrônica**, v.7, n.1, p. 1- 14, 2008.

SARAIVA, E.R.A. **A experiência materna mediada pela depressão pós- parto: um estudo das representações sociais**. João Pessoa, 2007.156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SATLER, M. K. O Abusador: O que Sabemos. *In*: AZAMBUJA, M. R. F; FERREIRA, M. H. M. **Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011. cap. 17, p. 234- 247.

SERAFIM, A. P. *et al.* Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. **Rev. Psiquiatria Clínica**. v. 36, n. 3, p. 105- 111, 2009.

SILVA, J. S. *et al.* **Fundamentos Epistemológicos da psicopedagogia, 2006**. Disponível em: <[https://www.prp.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/inic-cien/eventos/sic2006/arquivos/humanas/fundamentos\\_epistemologicos.pdf](https://www.prp.ueg.br/06v1/conteudo/pesquisa/inic-cien/eventos/sic2006/arquivos/humanas/fundamentos_epistemologicos.pdf)>. Acessado em 20 de junho de 2013.

SILVA, P. S. Fenomenologia e Aprendizagem. **Cadernos de Psicopedagogia**. v. 3, n.6, p. 1- 13, 2004.

TELES, V. **Abuso sexual é o segundo maior tipo de violência, 2012**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/5242/162/abuso-sexual-e-o-segundo-maior-tipo-de-violencia.html>>. Acesso em 20 de maio de 2013.

ANEXOS



## Carta de Anuência

Ao Drº Gustavo Pessoa Tavares de Lyra , Juiz de Direito da Vara Privativa da Infância e da Juventude da Comarca de Guarabira, situada á AV. Solon Lucena, 55 - Centro, Guarabira –PB, concorda com a realização do projeto intitulado “ HISTÓRIA DOS INFANTO-JUVENIS VITIMAS DE ABUSO SEXUAL: UMA COMPREENSÃO À LUZ DA FENOMENOLOGIA” nas dependências da Associação Abrigo Comunidade Talita que fica situado no sitio laje na zona Rural da cidade de Guarabira-PB. O projeto tem como objetivo geral compreender as narrativas dos infanto-juvenis vitimas de abuso sexual à luz da fenomenologia, pelas informações fornecidas pelas pesquisadoras, o projeto não traz riscos e desconforto aos participantes. O projeto está sob a responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> PATRÍCIA NUNES DA FONSÊCA e da aluna EUGÊNIA LÚCIA PAIVA DE OLIVEIRA, ambas pertencentes à Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

Guarabira , 25 de junho de 2013.

---

Drº Gustavo Pessoa Tavares de Lyra  
Juiz de Direito da Vara Privativa da Infância  
e da Juventude da Comarca de Guarabira



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

NÚCLEO DE ESTUDOS DO DESENVOLVIMENTO  
HUMANO, EDUCACIONAL E SOCIAL

**Prezado(a) colaborador(a),**

Esta pesquisa trata das *Histórias dos Infanto-Juvenis Vítimas de Abuso Sexual: Uma Compreensão à Luz da Fenomenologia* e está sendo desenvolvida pelo Departamento de Psicopedagogia, sob a responsabilidade da Prof.(a) Patrícia Nunes da Fonsêca (Pesquisadora do Departamento de Psicopedagogia – UFPB) e da aluna Eugênia Lúcia Paiva de Oliveira.

O objetivo geral do estudo é compreender as narrativas dos infanto-juvenis vítimas de abuso sexual à luz da fenomenologia. Especificamente visa identificar o significado da família para crianças vítimas de abuso sexual, conhecer a percepção das crianças vítimas de abuso sexual sobre a vida no abrigo, verificar o sentido da vida escolar para as crianças vítima de abuso sexual, analisar a percepção das crianças vítima de abuso sexual sobre o passado, o presente e o futuro, e entender o significado do segredo nas narrativas das crianças vítima de abuso sexual.

Esta pesquisa terá o seguinte procedimento: Após a aprovação, será solicitada a administração da instituição a autorização para consultar os documentos onde contêm os registros da história das participantes (ano do abuso, agressor, em que série estuda...). Depois, serão agendadas as entrevistas com as crianças conforme a disponibilidade da instituição. No momento das entrevistas as participantes ficarão a vontade para falar o que quiserem a respeito das histórias contadas. Ao final será feito os agradecimentos aos participantes.

Diante das informações citadas solicitamos a sua colaboração para responder as questões da entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, as participantes não serão obrigados (as) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum prejuízo.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do participante da Pesquisa

Por fim, nos colocamos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite (*patynfonseca@gmail.com Fone:8829- 4062*).

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Aluno Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS  
Hospital Universitário Lauro Wanderley  
– HULW- 4º andar.  
Universidade Federal da Paraíba  
CAMPUS I, Cidade Universitária-  
Bairro Castel Branco- CEP: 58.051-900  
Fone: (083) 3216-7964

## **APÊNDICE**

***Ficha de Registro Institucional (Apêndice A).***

Local de moradia antes de vir morar na instituição \_\_\_\_\_

Profissão do Padrasto \_\_\_\_\_

Profissão da Mãe \_\_\_\_\_

Escola frequentada atualmente pela criança/adolescente \_\_\_\_\_

O tempo que estuda nessa instituição \_\_\_\_\_

Realiza alguma atividade extra-classe \_\_\_\_\_

Idade que ocorreu o abuso sexual \_\_\_\_\_

Qual a proximidade do agressor com a vítima \_\_\_\_\_

O tempo que está morando na instituição \_\_\_\_\_

*Entrevista Dirigidas as Crianças e Adolescentes (Apêndice B).*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA**



**Prezado (a) colaborador (a),**

Estamos realizando uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba com o propósito de conhecer sobre as Narrativas das crianças vítimas de abuso sexual á luz da fenomenologia. Para efetivação do estudo, gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo este questionário.

Por favor, leia atentamente as instruções deste caderno e responda conforme seu julgamento, sem deixar qualquer das questões em branco.

Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas. Você também pode abandonar o estudo a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto nas resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, nos colocamos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida que necessite (*patynfonseca@gmail.com e eugenia\_gba@hotmail.com*)

**Desde já, agradecemos sua colaboração.**

**Termo de Consentimento**

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação da **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Nunes da Fonsêca**, do **Departamento de Psicopedagogia**, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

Guarabira, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

## ***ENTREVISTA DIRIGIDAS AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES***

**INSTRUÇÕES:** A seguir vamos ouvir algumas histórias de uma menina que passava grande parte do seu tempo pensando em sua vida. Ela ficava pensando sobre: Sua família, sobre seu novo lar, a escola e sobre algumas mudanças que aconteceram em sua vida.

### **FAMÍLIA**

Uma criança vivia em uma família. Como era esta família? Quantas pessoas tinham lá? Como ela se sentia? Uma pessoa a deixou muito triste. Quem foi? Por que?

### **ABRIGO**

Uma criança/menina foi obrigada a deixar sua família e a ir morar em outro lugar. Neste novo lar, moravam outras crianças que também haviam deixado suas famílias. Por que a criança teve que deixar a família? Como esta criança se sentiu ao chegar nesta nova casa? Como ela se relaciona com as outras crianças neste novo lar? E o que ela gosta de fazer neste novo lugar?

### **ESCOLA**

Uma criança/menina vai todos os dias para a escola. Como ela se sente na escola? Ela tem se relaciona com as outras crianças? Como é o relacionamento dela com a professora? O que ela gosta de fazer quando está na escola?

Na escola, a criança/menina tinha que fazer algumas tarefas escolares. Como ela se sente nesta hora? Por que? Ela tem dificuldade em alguma tarefa? Qual? Qual é a atividade que ela gosta de fazer?

## **FATOS DA VIDA RELACIONADOS AO TEMPO**

**Ela ontem – hoje - amanhã**

Um dia uma criança/menina ficou deitada em sua cama pensando na vida. Aí ela começou a pensar nas coisas que já tinham acontecido no passado e lembrou-se de alguns acontecimentos que tinham lhe deixado feliz e triste. Quais foram as coisas que lhe deixaram feliz? Quais foram as coisas que lhe deixaram triste?

Uma criança/menina está vivendo em um lugar com outras meninas. Neste lugar, ela dorme, se alimenta, brinca e faz atividades. O que ela pensa neste momento da sua vida?

Outro dia ela pensou no seu futuro, então, imaginou que encontra uma lâmpada mágica. Ela esfregou a lâmpada mágica e de lá saiu um gênio. Neste momento, o gênio disse que ela teria direito a fazer três pedidos. Quais foram os pedidos dela?

## **SEGREDO**

Uma mãe/tia/avó/amiga chegou em casa e a criança diz para a mãe: “Mãe, aconteceu algo comigo e preciso lhe contar, mas peço para que não conte nada para ninguém, pois é segredo”. Qual era o segredo?

Uma criança acorda pela manhã muito triste e diz para sua mãe/amiga/avó: “Ai que sonho ruim eu tive!”. Com que ela sonhou?

*Questionário Sociodemográfico (Apêndice C).*

- a) Idade: \_\_\_\_\_
- b) Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )
- c) Estuda em escola: Pública ( ) Particular ( )
- d) Escola em que estuda? \_\_\_\_\_
- e) Há quanto tempo estuda nesta escola? \_\_\_\_\_
- f) Tem amigos na escola ? Muitos ( ) Poucos ( )